

Junho
2015

90 fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira
Maria Inês e Gerson Pereira Pepe
Marisa e José Galdino Ulysses
Raimunda e Francisco de Assis Rocha Albuquerque
Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação

Hélio Amorim
Arlete e João Borges
Itamar David Bonfatti
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Marly e José Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Francione e Ricardo R. Werneck
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas

Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 18:00h
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão

Gráfica Santa Rita
Rua N. Sra. de Lourdes, 425
36070-450 - Juiz de Fora - MG
Telefone: (32)3215-7060
orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação

Anderson Nogueira - amarartesevisuais@gmail.com

Circulação restrita sem fins comerciais

"Uma casa para cada família" _____	4
Hélio Amorim	
Fechar ciclos é essencial _____	7
Rubens Carvalho	
Defender a Petrobrás é defender o Brasil _____	9
Justiça mais ágil com o novo Código Civil _____	13
Longevidade _____	15
Dr. Eduardo Pinho Tavares	
Por amor, sem amarras _____	17
Júlia Pessoa	
Tolerância/Intolerância/Rigidez _____	19
Deonira L. Viganó La Rosa	
2014: ano de Francisco (conclusão) _____	22
Luiz Alberto Gomez de Souza	
A exclusão social: o que fazer diante desta praga? _____	28
Oscavo Homem de Carvalho Campos	
A modernidade líquida e a vida humana transformada em objeto de consumo _____	30
Eliton Fernando Felczak	
A revolução na comunicação _____	35
Paulo do Carmo	
A vida é muito breve pra ser curta... _____	37
Jorge Leão	
Autonomia ou hegemonia? _____	40
Emir Sader	
Datacracia _____	43
Luli Radfahrer	
Humildade _____	46
Luiz Felipe Pondé	
Não a uma economia da exclusão _____	49
Papa Francisco Evangelii Gaudium	
Nossos governos, nossos erros _____	50
J.M. Guedes	
Orai por nós! _____	52
Déa Januzzi	
Combate à corrupção com reforma política _____	54
Nei Alberto Pies	
O potencial humanizador da união conjugal _____	57
Helio Amorim	
Vício em Internet _____	60
Ronaldo Lemos	
Programa Nacional de Formação à Distância _____	62



EDITORIAL

“Uma casa para cada família”

Hélio Amorim*

Do discurso do Papa Francisco aos participantes do Encontro Mundial de Movimentos Populares

“**E**u disse e repito: uma casa para cada família. Nunca se deve esquecer de que Jesus nasceu em um estábulo porque na hospedagem não havia lugar, que a sua família teve que abandonar o seu lar e fugir para o Egito, perseguida por Herodes. Hoje há tantas famílias sem moradia, ou porque nunca a tiveram, ou porque a perderam por diferentes motivos. Família e moradia andam de mãos dadas.

Mas, além disso, um teto, para que seja um lar, tem uma dimen-

são comunitária: e é o bairro... e é precisamente no bairro onde se começa a construir essa grande família da humanidade, a partir do mais imediato, a partir da convivência com os vizinhos

Hoje, vivemos em imensas cidades que se mostram modernas, orgulhosas e até vaidosas. Cidades que oferecem inúmeros prazeres e bem-estar para uma minoria feliz... mas se nega o teto a milhares de vizinhos e irmãos nossos, inclusive crianças, e eles são chamados, elegantemente, de



“pessoas em situação de rua”. É curioso como no mundo das injustiças abundam os eufemismos. Não se dizem as palavras com a contundência, e busca-se a realidade no eufemismo.

Uma pessoa, uma pessoa segregada, uma pessoa apartada, uma pessoa que está sofrendo a miséria, a fome, é uma pessoa em situação de rua: palavra elegante, não?

Vocês, busquem sempre, talvez me equivoque em algum, mas, em geral, por trás de um eufemismo há um crime.

Vivemos em cidades que constroem torres, centros comerciais, fazem negócios imobiliários... mas abandonam uma

parte de si nas margens, nas periferias. Como dói escutar que os assentamentos pobres são marginalizados ou, pior, quer-se erradicá-los!

São cruéis as imagens dos despejos forçados, dos tratores derubando casinhas, imagens tão parecidas às da guerra. É isso se vê hoje. Vocês sabem que, nos bairros populares, onde muitos de vocês vivem, subsistem valores já esquecidos nos centros enriquecidos.

Os assentamentos estão abençoados com uma rica cultura popular: ali, o espaço público não é um mero lugar de trânsito, mas uma extensão do próprio lar, um lugar para gerar vínculos com os vizinhos.

Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os diferentes e que fazem dessa integração um novo fator de desenvolvimento. Como são lindas as cidades que, ainda no seu desenho arquitetônico, estão cheias de espaços que conectam, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro.

Por isso, nem erradicação, nem marginalização: é preciso seguir na linha da integração urbana. Essa palavra deve substituir completamente a palavra erradicação, desde já, mas também esses projetos que pretendem envernizar os bairros populares, ajeitar as periferias e maquiagem as feridas sociais, em

vez de curá-las, promovendo uma integração autêntica e respeitosa. É uma espécie de direito arquitetura de maquiagem, não? E vai por esse lado.

Sigamos trabalhando para que todas as famílias tenham uma moradia e para que todos os bairros tenham uma infraestrutura adequada (esgoto, luz, gás, asfalto) e continuo: escolas, hospitais ou salas de primeiros socorros, clube de esportes e todas as coisas que criam vínculos e que unem, acesso à saúde – já disse – e à educação e à segurança.”

** Hélio Amorim é Engenheiro. MFC
Rio de Janeiro*

Frases para nos fazer pensar

“A escuridão não pode expulsar a escuridão, apenas a luz pode fazer isso. O ódio não pode expulsar o ódio, só o amor pode fazer isso.”

“Quem aceita o mal sem protestar, coopera com ele.”

Martin Luther King Jr.



Fechar ciclos é essencial

Rubens Carvalho*

Quero compartilhar um aprendizado que, na verdade há anos venho experimentando em minha vida e com centenas de pessoas e *coaches**: a importância de fechar ciclos na nossa vida (no nosso grupo, na nossa equipe base), tanto para o nosso processo de amadurecimento pessoal, como no nosso caso fortalecimento institucional do nosso MFC.



Olhar com sabedoria para a história construída (memória, não museu), refletir sobre nossas atitudes e ações no presente e pensar em coisas que poderíamos fazer para melhorar nossa vida é algo relativamente fácil, tenho absoluta certeza que a maioria de nós consegue desenvolver isso com o mínimo de esforço. Fazer o novo é uma grande inquietação diante da nossa rica diversidade.

A nossa principal dificuldade está em fazer as mudanças duradouras, que precisam atravessar conceitos e crenças já estabelecidas, aquelas que exigem um esforço diferenciado, doação, de-

dicação – pertença, como por exemplo: construir um ENA, ajustar – realinhar metodologias em diversos processos, criar processos novos de nucleação, viajar o país inteiro para construir uma unidade nacional em prol de famílias que às vezes nem conhecemos, desenvolver processos tecnológicos e profissionais em uma instituição irmã e amiga, ser um aliado na construção do reino de Deus..., não é fácil, é um grande e gostoso desafio... Independente da mudança, ela exigirá um trabalho intenso e criativo, por vezes cansativo, mas sempre prazeroso, e exigirá de cada um de nós sair da zona de conforto e fazer algo que não necessariamente dará certo.

O processo de mudança exige um tempo para o amadurecimento, e obviamente cada pessoa (grupo, equipe) tem o seu próprio tempo. Uma mudança precisa do seu tempo para ser



finalizada – não a procrastinação. Não existe um padrão, porém, o importante é que **o ciclo deve ser fechado.**

Quando fechamos um ciclo, temos duas vertentes: a primeira é o da comemoração, da alegria, da vitória alcançada; a outra é aceitar que por melhor que seja a intenção e não deu certo, por mais dolorosa que seja, precisamos aceitar que algo está errado e que precisa ser mudado, e que às vezes não depende da nossa vontade (grupo) ou particularmente de mim (pessoa).

É importante, é preciso saber que quando um ciclo chega ao final... Se insistirmos em permanecer nele mais tempo que o necessário, perdemos o entusiasmo,

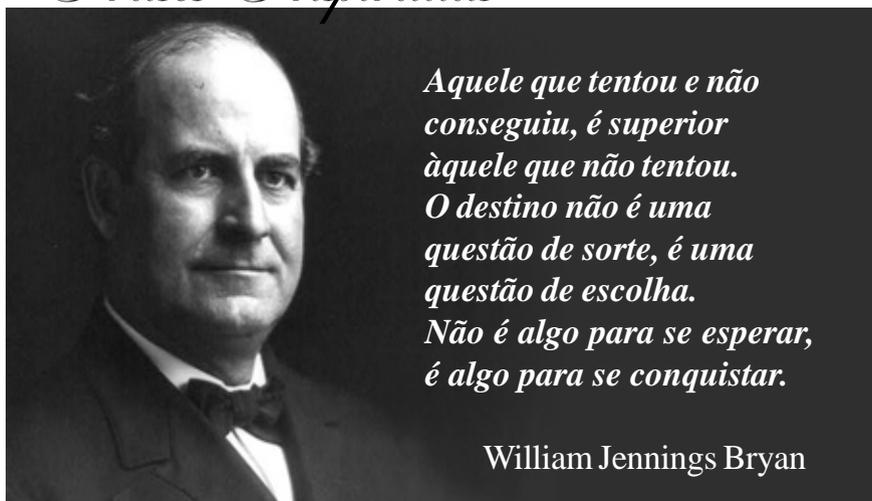
o sentido, a energia para enfrentarmos outras etapas, projetos que precisam ser construídos.

Concluindo, em Efésios 6:10 está escrito: *"fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder!"*, encerrar ciclos, fechar projetos, e portas, terminar de escrever histórias é essencial, pois assim nos sentiremos livres, libertos. Assim honremos o nosso passado, vivamos o nosso presente e certamente estaremos construindo um futuro maravilhoso, que é aqui e agora.

* Rubens Carvalho é
Advanced Coach Sênior
CONDIR Nordeste

Coachee é um cliente do
treinamento.

Frases Inspiradas





FEDERAÇÃO ÚNICA DOS PETROLEIROS

As denúncias de corrupção devem ser apuradas, mas não podemos ser ingênuos: há poderosos interesses contrariados pelo crescimento da Petrobras.

Há quase um ano o País acompanha uma operação policial contra evasão de divisas que detectou evidências de outros crimes, pelos quais são investigadas pessoas que participaram da gestão da Petrobras e de empresas fornecedoras. A ação institucional contra a corrupção tem firme apoio da sociedade, na expectativa de esclarecimento cabal dos fatos e rigorosa punição dos culpados.

É urgente denunciar, no entanto, que esta ação tem servido a uma campanha visando à desmoralização da Petrobras, com reflexos diretos sobre o setor de Óleo e Gás, responsável por investimentos e geração de empregos em todo o País; campanha que já prejudicou a empresa e o setor em escala muito superior à dos desvios investigados.

A Petrobras tem sido alvo de um bombardeio de notícias sem adequada verificação, muitas vezes falsas, com impacto sobre seus negócios, sua credibilidade e sua cotação em bolsa. É um ataque sistemático que, ao invés de esclarecer, lança indiscriminadamente a suspeita sobre a empresa, seus contratos e seus 86 mil trabalhadores dedicados e honestos.

Assistimos à repetição do pré-julgamento midiático que dispensa a prova, suprime o contraditório, tortura a jurisprudência e busca constranger os tribunais. Esse método essencialmente antidemocrático ameaça, hoje, a Petrobras e suas fornecedoras, penalizadas na prática, enquanto empresas produtivas, por desvios atribuídos a pessoas físicas.

Ao mesmo tempo, o devido processo legal vem dando lugar ao tráfico seletivo de denúncias, ofensivo à consciência jurídica brasileira, num ambiente de obscuridade processual que propicia a coação e até o comércio de testemunhos





com recompensa financeira. Na aparente busca por eficácia, empregam-se métodos que podem – isto, sim – levar à nulidade processual e ao triunfo da impunidade.

E tudo isso ocorre em meio a tremendas oscilações no mercado global de energia, num contexto geopolítico que afeta as economias emergentes, o Brasil, o Pré-Sal e a nossa Petrobras.

Não vamos abrir mão de esclarecer todas as denúncias, de exigir o julgamento e a punição dos responsáveis; mas não temos o direito de ser ingênuos nessa hora: há poderosos interesses contrariados pelo crescimento da Petrobras, ávidos por se apossar da empresa, de seu mercado, suas encomendas e das imensas jazidas de petróleo e gás do Brasil.

Historicamente, tais interesses encontram porta-vozes influentes na mídia e nas instituições. A Petrobras já nasceu sob o ataque de “inimigos externos e predadores internos”, como destacou a presidenta Dilma Rousseff. Contra a criação da empresa, em 1953, chegaram a afirmar que não havia petróleo no Brasil. São os mesmos que sabotaram a Petrobras para tentar privatizá-la, no governo do PSDB, e que combateram a legislação do Pré-Sal.

Os objetivos desses setores são bem claros:

- Imobilizar a Petrobras e depreciar a empresa para facilitar sua captura por interesses privados, nacionais e estrangeiros;
- Fragilizar o setor brasileiro de Óleo e Gás e a política de conteúdo local; favorecendo fornecedores estrangeiros;
- Revogar a nova Lei do Petróleo, o sistema de partilha e a soberania brasileira sobre as imensas jazidas do Pré-Sal.

Para alcançar seu intento os predadores apresentam a Petrobras com uma empresa arruinada, o que está longe da verdade, e escondem do público os êxitos operacionais. Por isso é essencial divulgar o que de fato aconteceu na Petrobras em 2014.

- A produção de petróleo e gás alcançou a marca histórica de 2,670 milhões de barris equivalentes/dia (no Brasil e exterior);
- O Pré-Sal produziu em média 666 mil barris de petróleo/dia;
 - A produção de gás natural alcançou 84,5 milhões de metros cúbicos/dia;
- A capacidade de processamento de óleo aumentou em 500 mil barris/dia, com a operação de quatro novas unidades;
- A produção de etanol pela Petrobras Biocombustíveis cresceu 17%, para 1,3 bilhão de litros.





E, para coroar esses recordes, em setembro de 2014 a Petrobras tomou-se a maior produtora mundial de petróleo entre as empresas de capital aberto, superando a ExxonMobil (Esso).

O crescente sucesso operacional da Petrobras traduz a realidade de uma empresa capaz de enfrentar e superar seus problemas, e que continua sendo motivo de orgulho dos brasileiros.

Os inimigos da Petrobras também omitem o fato que está na raiz da atual vulnerabilidade da empresa à especulação de mercado: a venda, a preço vil, de 108 milhões de ações da estatal na Bolsa de Nova Iorque, em agosto de 2000, pelo governo do PSDB,

Aquela operação de lesa-pátria reduziu de 62% para 32% a participação da União no capital social da Petrobras e submeteu a empresa aos interesses de investidores estrangeiros sem compromisso com os objetivos nacionais. Mais grave ainda: abriu mão da soberania nacional sobre nossa empresa estratégica, que ficou subordinada a agências reguladoras estrangeiras.

Os últimos 12 anos foram de recuperação e fortalecimento da empresa. O País voltou a investir em pesquisa e a construir gaso-

duto e refinarias. Alcançamos a autossuficiência, descobrimos e exploramos o Pré-Sal, recuperamos para 49% o controle público sobre o capital social da Petrobras.

O valor de mercado da Petrobras, que era de 15 bilhões de dólares em 2002, é hoje de 110 bilhões de dólares, apesar dos ataques especulativos. É a maior empresa da América Latina.

A participação do setor de Óleo e Gás no PIB do País, que era de apenas 2% em 2000, hoje é de 13%. A indústria naval brasileira, que havia sido sucateada, emprega hoje 80 mil trabalhadores. Além dos trabalhadores da Petrobras, o setor de Óleo e Gás emprega mais de 1 milhão de pessoas no Brasil.

É nos laboratórios da Petrobras que se produz nosso mais avançado conhecimento científico e tecnológico. Os royalties do petróleo e o Fundo Social do Pré-Sal proporcionam aumento significativo do investimento em Educação e Saúde. Este é o papel insubstituível de uma empresa estratégica para o País.

Por tudo isso, o esclarecimento dos fatos interessa, mais do que a ninguém, aos trabalhadores da Petrobras e à população brasileira, especialmente à parcela que vem conquistando uma vida mais digna.



Os que sempre tentaram alienar o maior patrimônio nacional não têm autoridade política, administrativa, ética ou moral para falar em nome da Petrobras.

Cabe ao governo rechaçar com firmeza as investidas políticas e midiáticas desses setores, para preservar uma empresa e um setor que tanto contribuíram para a atração de investimentos e a geração de empregos nos últimos anos.

A direção da Petrobras não pode, nesse grave momento, vacilar diante de pressões indevidas, sujeitar-se à lógica dos interesses privados nem agir como refém de uma auditoria que representa objetivos conflitantes com os da empresa e do País.

A investigação, o julgamento e a punição de corruptos e corruptores, doa a quem doer, não pode significar a paralisia da Petrobras e do setor mais dinâmico da economia brasileira.

É o povo brasileiro, mais uma vez, que defenderá a empresa construída por gerações, que tem a alma do Brasil e simboliza nossa capacidade de construir um projeto autônomo de Nação.

Pela investigação transparente dos fatos, no Estado de Direito, sem dar trégua à impunidade;

Pela garantia do acesso aos dados e esclarecimentos da Petrobras nos meios de comunicação, isentos de manipulações;

Pela garantia do sistema de partilha, do Fundo Social e do papel estratégico da Petrobras na exploração do Pré-Sal;

Pela preservação do setor nacional de Óleo e Gás e da Engenharia brasileira.

Defender a Petrobras é defender o Brasil – nosso passado de lutas, nosso presente e nosso futuro.

Fonte: Carta Maior

*Dificuldades preparam
pessoas comuns para
destinos extraordinários.*

C.S Lewis





JUSTIÇA MAIS ÁGIL COM O NOVO CÓDIGO CIVIL

O Brasil tem um acúmulo de quase cem milhões de processos na Justiça à espera de julgamento final. E é um acervo que não para de crescer. Nos últimos quatro anos, o índice de ingresso de novas ações nos tribunais do país chegou a 8,9%. Um relatório divulgado em setembro do ano passado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) mostrava que, em 2013 do total de 95,14 milhões de ações em trâmite em todas as instâncias do Judiciário, 66,8 milhões já estavam pendentes no início de 2013. As demais representavam casos novos que chegaram aos magistrados durante aquele ano.

Segundo o CNJ, a produtividade dos juízes tem melhorado, e os gastos com pessoal e moderniza-

ção do aparelho judicial apresentam curvas ascendentes. Mas o número de processos pendentes, à espera de sentença – não raro por períodos que parecem intermináveis – e os novos ingressos são empecilhos para que a Justiça de conta de baixar de forma significativa seu estoque de demandas. Outros, é a existência no Código de Processo Civil, em vigor desde 1973, de um cipoal de mecanismos de postergação de resultados, como recursos e embargos. E um outro, exógeno e subjetivo, foi o aprofundamento de uma cultura do litígio, principalmente a partir da democratização do país, quando se ampliou o leque de opções judicantes dos cidadãos – este, de toda forma um pressuposto da democracia.



São particularidades que se juntam para tornar a Justiça brasileira morosa e ineficiente. O Judiciário é uma das bases sobre a qual se alicerça todo o arcabouço da democracia – portanto, quando suas funções de proteção a direitos da sociedade não se realizam em prazo razoável e de forma eficaz fica em risco o equilíbrio do estado democrático de direito.

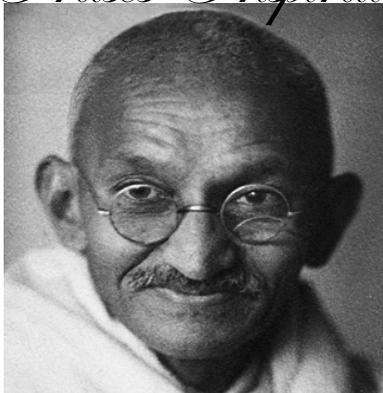
Este é o sentido mais amplo de novo Código de Processo Civil, sancionado no meio da semana pela presidente Dilma Rousseff e cuja elaboração foi coordenada pelo ministro do STF Luiz Fux. O CPC normatiza a tramitação das ações civis nos tribunais, estipulando prazos, tipos de recursos que lhes cabem, competências etc. Com a adoção dessa lei, que entrará em vigor dentro de um ano, a Justiça brasileira ganha um instrumental para agilizar o andamento

de processos. Por conseguinte para, enfim, enfrentar demandas, muitas das quais se estendem nos corredores dos tribunais por infindáveis décadas e, não raro, sobrevivem a seus autores.

Entre as principais mudanças do Código está a determinação de que os processos sejam julgados por ordem cronológica de entrada na corte. Reduzem-se os espaços para chicanas judiciais, como recursos e embargos, procedimento que, quase sempre, visa a adiar a decisão final sobre processos. Instituem-se, ainda, a repercussão de sentenças sobre demandas repetitivas e outros dispositivos, com o mesmo espírito de, assegurado o princípio da ampla defesa e aumentando a produtividade dos tribunais, dotar o país de uma Justiça que de fato se realiza, um direito do cidadão.

Transcrito de "O Globo"

Frases Inspiradas



“Conheço muitas razões pelas quais eu morreria, mas não conheço nenhuma pela qual eu mataria.”

Mahatma Gandhi

LONGEVIDADE

Dr. Eduardo Pinho Tavares*

Você já se imaginou com 120 anos? Pode parecer loucura, mas é esta a expectativa da medicina moderna para as pessoas em um futuro próximo. É claro que para atingir esta longevidade centenária e com qualidade, é necessário se cuidar durante toda a vida. Envelhecer é um processo natural, obrigatório e irreversível para todos os seres vivos, mas é possível passar pelos anos com saúde e disposição.



“Não basta viver muito. É preciso viver muito bem”. “Precisamos pensar em nosso organismo como um todo, buscar uma harmonização física e emocional. Para isso, a medicina hoje é capaz de oferecer um conjunto de práticas voltadas para a qualidade de vida, bem-estar e prevenção. O segredo está nas equipes multidisciplinares, compostas por diferentes profissionais da saúde trabalhando de forma integrada”, explica.

Depressão, estresse, colesterol alto, hipertensão, diabetes e obesidade são os principais problemas que surgem com o avançar da ida-

de. A prevenção é a melhor forma de evitar que eles apareçam, levando uma vida saudável e equilibrada. “Ao contrário do que muitos pensam, as pessoas podem e devem procurar um geriatra a partir dos 30 anos de idade, assim, será possível evitar que essas doenças cheguem”

É nesta faixa etária que surgem os primeiros sinais do envelhecimento: cansaço, desânimo, alteração de humor, insônia e, o mais comum, falhas de memória. ‘Tais problemas não são apenas inimigos da velhice, são inimigos da vida, principalmente em um mundo cada vez mais agitado e competitivo, em que as pressões do dia a dia acabam prejudicando a saúde e o bem-estar. Por isso, quem realmente preza pelo ato de viver, não deve hesitar em procurar

ajuda profissional antes do aparecimento desses sintomas”, alerta.

E quem já está com 40, 60 ou 90 anos também pode melhorar a qualidade e prolongar a vida com a ajuda da medicina. Exames específicos são capazes de diagnosticar os excessos e deficiências do organismo e equilibrar os minerais e vitaminas. Em clínicas transdisciplinares, os tratamentos envolvem, além de remédios, atividades físicas, acompanhamento psicológico e nutricional para que o avançar da idade seja prazeroso e saudável.

“Precisamos buscar uma harmonização física e emocional”

* Dr. Eduardo Pinho Tavares é Especialista em Geriatria

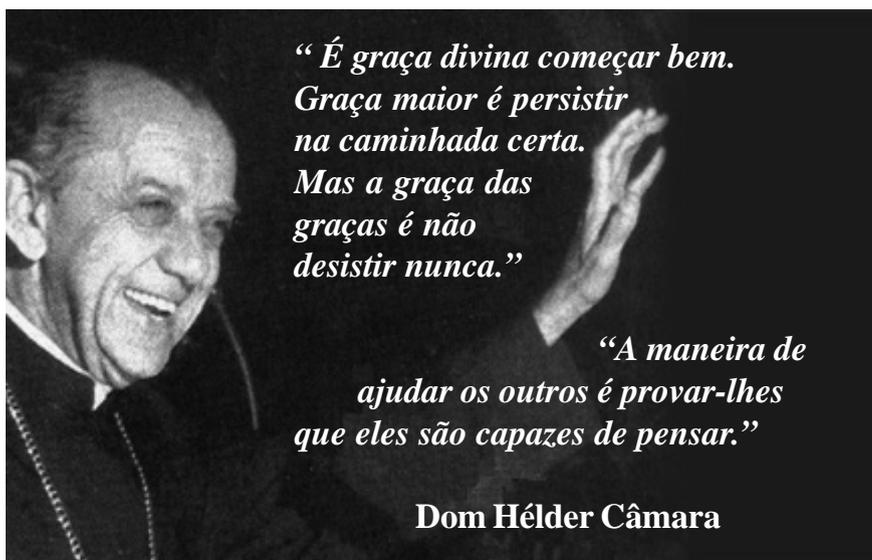
PARA DESPERTAR O SENTIMENTO CIDADÃO:

“O povo de Deus é rico de nada”. No limite desta riqueza, este povo necessita entre muitas coisas, de educação, água tratada, atendimento hospitalar, mobilidade urbana digna, segurança, trabalho, salário digno, etc.

Diante deste quadro, a equipe editorial de F&R deixa em aberto as seguintes questões:

- Quem é responsável pela longevidade como mais um quadro de exclusão social?
- Sendo ou não “povo de Deus”, o que cada um pode fazer para que a longevidade seja cada vez mais real e social?

Use sua imaginação





POR AMOR, SEM AMARRAS



*Júlia Pessoa**

Recebi essa semana um release/spam que falava qualquer coisa sobre o casal que escreveu “Casamento blindado”. Já tinha ouvido o nome e sempre fiquei incomodada com a ideia de venderem amor e blindagem no mesmo pacote. Claro, um casamento “blindado” deve ser à prova das tantas balas que as dificuldades da vida disparam contra nós. Mas também lacra o casal em uma redoma sem qualquer contato com o mundo externo – fiquei sem ar só de imaginar.

Conversando sobre isso, minha amiga Flávia chamou atenção para outra noção de “amor à prova de qualquer obstáculo” que também sempre me causou urticaria: a pobre “Pont des Arts”, em Paris, que chegou a entrar em colapso devido ao peso dos cadeados com o nome de casais apaixonados afixados à sua estrutura. A Prefeitura da Cidade-Luz os retirou e instalou vidros no lugar, prezando pela segurança das

pessoas e conservação de suas pontes centenárias. Eu, que nunca fui a Paris e sei absolutamente nada de engenharia, poderia ter dito antes: amor que prende e pesa sempre dá problema, cedo ou tarde.

A gente passa a vida toda ouvindo concepções muito erradas de amor, que começam com expressões como “tampa da panela” e “metade da laranja”, como bem disse, indignada, outra amiga, a Dida (sim, minhas amigas são fantásticas!). É como se fôssemos naturalmente incompletos, e devêssemos passar nossos anos sobre esse planeta tão agridoce procurando quem possa nos fazer plenos, inteiros, capazes de preencher esse vazio de fábrica que carregamos. A cultura pop, nossas famílias e todos os nossos círculos sociais reforçam essa atrocidade, assegurando-nos sempre, com cara de piedade (ainda que com a melhor das intenções), em nossa solteirice: “Você ainda vai achar a pessoa certa/amada/especial/insira aqui sua variação”.

Seguindo esse raciocínio, se algo –“deuzo-livre!”, “esconjuror!”, “bate na madeira!” – der errado, como ficam as coisas? A panela está fadada a ficar sem tampa? Morreremos asfixiados dentro de um carro-forte blindado? Um relacionamento definhante vai ficar eternizado em um cadeado, destruindo Paris? Teremos que nos contentar com rneia laranja? As pessoas são inteiras justamente por causa de suas individualidades, e o amor só engrandece quando é libertador, e os “eus” não são anulados quando optam por se tornar um “nós”. Da mesma forma, os “eus” em car-

reira solo não são apenas meta-des vagando pelo mundo em busca de sua completude, e jamais deveriam se ver assim.

Não cuspirei regras sobre os sentimentos alheios, até porque “Casamento Blindado” é uma franquia de cinco livros, tem DVDs, cursos e palestras. Quanto a mim, prefiro acreditar e buscar a ideia de amores em que as pessoas caminham juntas pelo simples fato de quererem, livres das amarras de cadeados e blindagens.

Transcrito da Tribuna de Minas

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214-2952, de 13:00 às 18:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.

Tolerância / Intolerância / Rigidez

Deonira L. Viganó La Rosa

A tolerância não é uma atitude espontânea nos seres humanos: poderíamos dizer que o instinto fundamental de auto conservação e de defesa pessoal, que caracteriza todo vivente, o conduz a considerar com desconfiança tudo o que poderia ameaçar o que lhe pertence: sua vida, sua família, sua propriedade, mas também seus hábitos, costumes, convicções, em resumo, tudo o que faz parte da complexa constituição de sua identidade.

Por esta razão os intolerantes veem como negativo tudo o que é diferente daquilo que diz respeito aos fatores constitutivos de sua identidade, veem tudo como hostil e devem combater para se defender.

Uma pessoa intolerante tende a perceber e interpretar as situações ambíguas (indefinidas e obscuras) como se fossem fontes de ameaça. Ela se sente ameaçada frente a informações vagas e incompletas, inconsistentes, contraditórias, ou mesmo com sentido



duvidoso. Ela necessita que as questões sejam sempre fechadas como sendo certas ou erradas, boas ou ruins, pretas ou brancas, verdadeiras ou falsas. Não percebe que os fatos são complexos, e que, muitas vezes precisa aceitar que as questões fiquem abertas para novas possíveis respostas.

A pessoa intolerante não suporta a dúvida. O intolerante faz de tudo para desqualificar e desprezar aqueles que pensam ou agem de maneira diferente da sua. Esquece que é a si mesmo que desqualifica, pois com este ato revela seu próprio interior, sua própria rigidez de personalidade. E nada pior do que essa rigidez para sua saúde mental e para uma boa convivência consigo mesmo e com os outros.

Significação da tolerância - segundo a UNESCO

“A tolerância é o respeito, a aceitação e a apreciação da



diversidade das culturas do nosso mundo, e de nossos modos de expressão... Ela é encorajada pelo conhecimento, pela abertura de espírito, pela comunicação e liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A tolerância é a harmonia na diferença. Ela não é somente uma obrigação de ordem ética; ela é igualmente uma necessidade política e jurídica. A tolerância é uma virtude que traz a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz.

A tolerância não é nem concessão, nem condescendência, nem complacência. A tolerância é, antes de tudo, uma atitude ativa animada pelo reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro.

Em nenhum caso a tolerância será evocada para justificar os atentados a estes valores fundamentais..." "No mundo moderno a tolerância é mais necessária do que nunca.

Ela é também necessária entre os indivíduos e no seio da família e da comunidade. A educação é o meio mais eficaz de prevenir a intolerância. A primeira etapa a este respeito consiste em ensinar aos indivíduos quais são seus direitos e suas liberda-

des a fim de assegurar o respeito e igualmente promover a vontade de proteger os direitos e liberdades dos outros."

TOLERÂNCIA NÃO SIGNIFICA CONFORMISMO

A tolerância tem uma característica que lhe é inerente: ela implica ao mesmo tempo uma atitude *de rejeição* e uma atitude *de aceitação*, porque não haveria tolerância se o que estamos dispostos a aceitar não fosse uma coisa sobre a qual não estamos de acordo.

A aceitação se entende pela noção de respeito devido à pessoa que exprime suas ideias, ou tem certas formas de vida que não cremos aceitáveis, sem que isto nos obrigue a acolher ou partilhar estas mesmas ideias ou práticas: a tolerância não comporta pois em primeira análise a coexistência de ideias ou doutrinas opostas, mas a coexistência pacífica entre as pessoas que as sustentam.

A tolerância exige que estejamos dispostos a respeitar as diferenças que estão em contradição com aquilo de que estamos verdadeiramente convencidos.

Portanto, indivíduo tolerante é aquele que possui convicções, que as considera verdadeiras, mas,





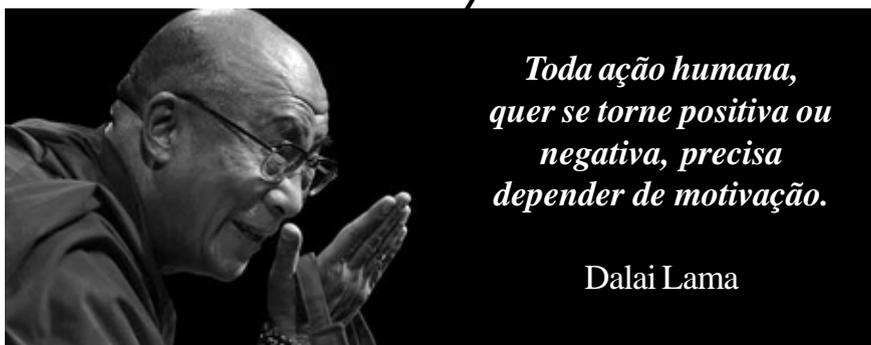
ao mesmo tempo é capaz de respeitar o outro e por causa disto chega a respeitar suas convicções. Sem ser cética a pessoa tolerante está consciente de que toda verdade é parcial, que ela não está em condições de possuí-la inteiramente, que outras opiniões são possíveis e legítimas, que ela pode enriquecer-se considerando sem preconceito as ideias dos outros e

que a confrontação com estas pode lhe servir para melhor compreender as próprias convicções.

** Deonira L. Viganó La Rosa
Terapeuta de Casal e de Família.
Mestre em Psicologia*

*(Traduzido e resumido de
Evandro Agazzi, Président de
l'Institut International de Philosophie).*

Frases Inspiradas

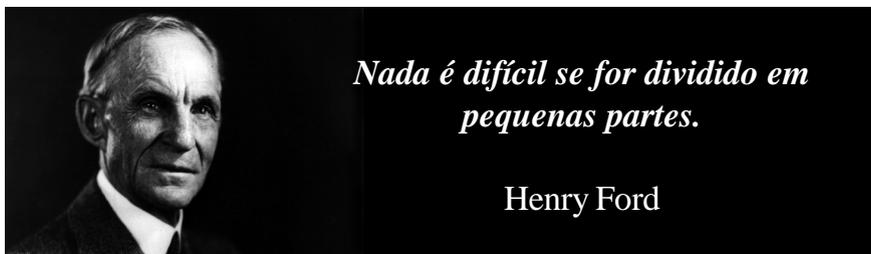


*Toda ação humana,
quer se torne positiva ou
negativa, precisa
depende de motivação.*

Dalai Lama

*O sofrimento é o intervalo entre duas
felicidades.*

Vinícius de Moraes



*Nada é difícil se for dividido em
pequenas partes.*

Henry Ford

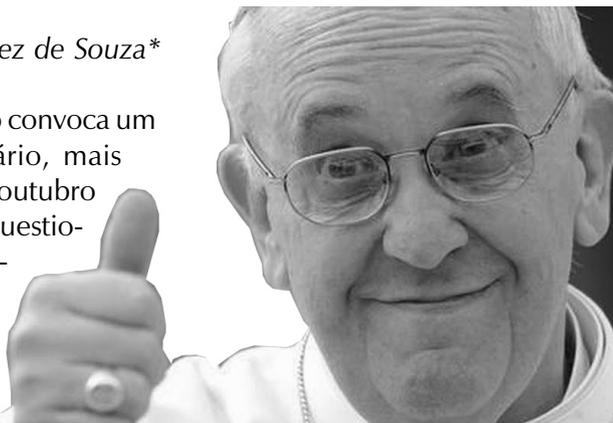


2014 : ano de Francisco (conclusão)

Luiz Alberto Gomez de Souza*

Agora, Francisco convoca um sínodo ordinário, mais amplo, para outubro de 2015. Um novo questionário está sendo enviado às igrejas locais. No Vaticano II os primeiros documentos, rotineiros e tradicionais, foram postos de lado ao final da primeira sessão. Não poderá repetir-se uma dinâmica de abertura e de inflexão entre os dois sínodos? Francisco não quer, sozinho, ditar novos preceitos. Ele espera que estes surjam da prática e da sensibilidade das comunidades cristãs. Nisso parece consistir sua pedagogia: aguardar o surgimento de novos consensos, para que ele possa assumi-los.

E aqui lembro as lições de um grande teólogo, John H. Newman (1801-1890), beatificado por Bento XVI em 2010. Sacerdote anglicano, converteu-se ao catolicismo romano em 1845. Escreveu, no ano de sua conversão, um tratado sobre “o desenvolvimento da doutrina” (*An Essay on the Development of Christian Doctrine*, texto de 1845, revisto em 1878). A doutrina, no seu enten-



der, é dinâmica e foi se desdobrando através dos tempos. Para Newman, isso se dá através do “*consensus fidelium*”, o acordo entre os fieis, pela história afora. Apresentou, inclusive, um exemplo muito revelador. Num célebre artigo na revista *The Rambler*, de 1859, lembrou que, no século IV, a Igreja viveu uma profunda crise. A maioria dos bispos era ariana, isto é, negava a divindade de Cristo. O próprio papa Liberio estava indeciso. Para o autor, o que salvou o pensamento ortodoxo da fé em Cristo como membro da Trindade, foi o sentir do povo cristão (e Congar acrescentou a reflexão de teólogos). O povo de Deus, não uma maioria de bispos e nem o próprio papa, foi o que afirmara com força a doutrina trinitária, apoiando o patriarca Atanásio de Alexandria, exilado várias vezes em sua luta contra o arianismo.



Para Newman, seria necessário estar à escuta do que as comunidades cristãs vão expressando.

Se pensarmos na prática real dos fiéis em relação ao matrimônio, ao segundo casamento, à contracepção e aos métodos de limitação da maternidade, assim como outros, sobre o celibato eclesiástico obrigatório e a ordenação de mulheres, a partir de pesquisas como as do importante centro norte-americano *Pew Forum*, e outras feitas nos vários países, inclusive no Brasil, uma significativa porção dos cristãos estão pedindo mudanças radicais. Do contrário, teremos uma posição esquizofrênica, entre uma doutrina proclamada cada vez mais no vazio e uma prática real dos cristãos. O Cardeal Martini, antes de morrer, em seu testamento espiritual, indicou que a doutrina, em áreas como da sexualidade e do matrimônio, estava atrasada em várias décadas e que o documento de 1968 de Paulo VI, *Humanae Vitae*, sobre a contracepção, reiterando documento anterior de Pio XI de 1930, tivera uma função paralisante e negativa.

O filósofo católico Pietro Prini, num livro provocador, falou de um cisma oculto ou subterrâneo (*Loscisma sommerso*, 1999), a partir de uma quebra de comunicação entre Igreja e sociedade.

Rompeu-se a comunicação entre o emissor da mensagem com seus códigos tradicionais (a Igreja) e o receptor contemporâneo com sua nova sensibilidade e novas necessidades. Sempre deveria haver uma *reciprocidade ativa* entre quem envia e quem recebe uma mensagem. Este último, o conjunto dos fiéis, não é um ser passivo que, indiferente, acolheria enunciados gerais, a-históricos ou passadistas, mas tem uma qualificação psicológica, mental, social e histórica precisa. Uma certa linguagem clerical, autoritária e impositiva, passa a não lhe dizer grande coisa. Seu comportamento vai se configurando à margem de normas e prescrições que lhe parecem estranhas e incompreensíveis. Frente a uma ética e a receitas com invólucros de outros tempos, o fiel comum não entra em heresia (negação de uma doutrina), mas toma, na prática, um distanciamento da autoridade (*distacco* em italiano), que caracterizaria mais bem um cisma de fato, um não recebimento de uma mensagem ou ordem na qual não descobre sentido. Não se trata propriamente de indiferença, mas de um processo de filtragem. Isso fica claro no que se refere à ética da sexualidade (uso de anticoncepcionais, por exemplo). As falas do magistério podem perder-se no vazio da não comunicação.





Uma pesquisa do *Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS)*, sobre *desafios do catolicismo em seis grandes cidades do Brasil, no ano 2000*, (CERIS/Paulus 2002) mostrou fortes discrepâncias entre a conduta individual dos católicos e as orientações da Igreja. O jornalista católico americano Peter Steinfelds, que escreveu uma dura crítica ao pensamento oficial de sua Igreja, num livro sobre “um povo à deriva” (*A people adrift, The crisis of the Roman Catholic Church in America*, 2008), relata outra pesquisa de 1993, indicando que 8 entre 10 católicos americanos não aceitavam a afirmação de que o uso de métodos artificiais de controle da natalidade era errado; 9 de cada 10 consideravam que alguém que utilizasse métodos artificiais poderia ser um bom católico. Lucia Ribeiro, numa pesquisa sobre “*Práticas reprodutivas entre mulheres das comunidades eclesiais de base da Igreja Católica*” (1997), na Baixada Fluminense, constatou que o comportamento delas com respeito às práticas reprodutivas, não se distingue das mulheres em geral, com outras crenças ou sem elas.

Essas práticas poderão abrir caminho ao repensamento doutrinário, não através de um debate teológico abstrato, mas de situações pastorais concretas. É por

esse viés pastoral, com um olhar de misericórdia, que a doutrina vai se desenvolvendo. Penso ser essa a paciente atitude de espera de Francisco (“*Quem sou eu para julgar os gays*”, lembrou numa conversa informal no avião na volta do Brasil. E mencionou o caso das mulheres paraguaias, depois de uma guerra criminosa que dizimou a população masculina). E antes de tudo defendeu, na linha do Vaticano II, a liberdade de consciência. Volto a Newman. Perguntado certa vez se ergueria um brinde ao papa (era ainda Pio IX), declarou que sim, desde que antes, erguesse um brinde à consciência. É a essa consciência livre que se dirige Francisco, não para impor regras ou preceitos, mas para possibilitar, com um profundo sentimento de compaixão, um repensamento pastoral.

Quando Leão XIII sucedeu ao antimoderno Pio IX, indicou que esperassem sua nomeação de cardeais, para sentir os rumos diferentes de seu novo pontificado. E fez cardeal o convertido Newman, para mal-estar de católicos ingleses tradicionais e de Manning, o outro cardeal inglês. Assim também Francisco, nos dois consistórios que nomeiam cardeais, dá sinais eloquentes nas escolhas que está fazendo. Deixa de lado sedes que historicamente eram cardinalícias, como Veneza, Turim ou





Bruxelas/Malines; no Brasil, Brasília e Salvador. Nomeou, no primeiro consistório de fevereiro de 2014, pela primeira vez, um cardeal no Haiti, não em sua capital, mas numa pequena diocese do interior, Les Cayes. E agora, em 20 de fevereiro de 2015, no segundo consistório, não há nenhum novo cardeal dos Estados Unidos, do Brasil, da Polônia ou da França, somente um membro da cúria; mas indica, pela primeira vez, cardeais do Cabo Verde, Moçambique, Míamar, e na pequenina Tonga, na Polinésia, conjunto de 172 ilhas com apenas cerca de cem mil habitantes, que terá o mais novo dos cardeais, com 53 anos; também no Panamá, será o bispo de David, cidade pequena. Duas cidades têm cardeais pela primeira vez: na Oceania, John Dew, em Wellington (Nova Zelândia) e não o de Sidney, na Austrália; na Itália, Edoardo Menichelli em Ancona, diocese mediana (o bispo fora escolhido pessoalmente por Francisco para o sínodo). Uma característica comum: ambos têm defendido a comunhão para divorciados em segunda união e o reconhecimento de uniões homossexuais. Mudanças no colégio que poderá eleger o próximo papa.

A América Latina arejou a Igreja, nos anos setenta, com sua **teologia da libertação**, duramente

castigada pelo centro do poder romano da época. Hoje, vemos em Francisco, uma **prática da libertação**, que ele considera ligada a uma teologia popular argentina, da mesma família libertadora.

Porém, o mais importante, é que Francisco, fiel a seu chamado de sair ao mundo, não fala apenas no círculo fechado do espaço católico. No Brasil, visitando a favela de Manguinhos, parou para rezar o Pai-nosso com um pastor e sua comunidade evangélica. Na visita à Palestina/Israel, fez parar seu carro diante do vergonhoso muro que o governo israelita construiu e, encostando nele sua testa, rezou em silêncio. Dias depois, fez o mesmo no Muro das Lamentações, caro aos religiosos judeus. E convidou os líderes da Palestina e de Israel a irem a Roma e rezarem juntos por uma situação aparentemente insolúvel.

Um momento eloquente, como sinal de presença num mundo secular, foi seu encontro com movimentos sociais de todo o mundo. Encorajados pelo Papa Francisco a “construir uma Igreja pobre e para os pobres”, líderes de movimentos sociais, 30 bispos e leigos engajados com as realidades e os movimentos sociais em seus países, participaram, em Roma, do dia 27 de outubro ao dia 29, do Encontro





Mundial dos Movimentos Populares. O Brasil esteve presente com alguns representantes, entre eles o dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), João Pedro Stédile e o secretário geral da CNBB, Dom Leonardo Steiner. Da Argentina veio o dirigente do movimento dos catadores. Evo Morales, da Bolívia, participou como membro de um movimento social e não como presidente. O Encontro teve por objetivo “elaborar uma síntese da visão dos movimentos populares em torno das causas da crescente desigualdade social e do aumento da exclusão em todo mundo, principalmente a exclusão da terra, do teto e do trabalho”, e “propor alternativas populares para enfrentar os problemas gerados pelo capitalismo financeiro, a prepotência militar e o imenso poder das transnacionais, como a guerra, a fome, desemprego, exclusão, despejos e miséria, com a perspectiva de construir uma sociedade livre e justa”. O evento, com a metodologia ver-julgar-agir, abordou três eixos de discussão, chamados simbolicamente de “Pão”, “Terra” e “Lar”.

No segundo dia, momento do julgar, Francisco se reuniu com os participantes do Encontro. Falou sobre o termo solidariedade: “é lutar contra as causas estruturais

da pobreza, da desigualdade, da falta de trabalho, da terra e da moradia, a negação dos direitos sociais e trabalhistas. É enfrentar... os deslocamentos forçados, as emigrações dolorosas, o tráfico de pessoas, a droga, a guerra, a violência e todas essas realidades que muitos de vocês sofrem... É estranho, mas se falo disso, para alguns significa que o papa é comunista... Hoje, ao fenômeno da exploração e da opressão se soma uma nova dimensão,... os que não podem ser integrados; os excluídos são dejetos, restos. Esta é a cultura do descarte... No centro de todo sistema social ou econômico tem que estar a pessoa, imagem de Deus... a criação é um dom, é um presente, um dom maravilhoso que Deus nos deu para que cuidemos dele e o utilizemos em benefício de todos, sempre com respeito e gratidão... neste sistema (atual) ... se rende um culto idolátrico ao dinheiro! Porque se globalizou a indiferença! ... Porque o mundo se esqueceu de Deus, que é Pai; se tornou órfão porque deixou a Deus de lado”.

A posição de liderança de Francisco foi se afirmando, neste ano de 2014 que terminou, não somente na sua Igreja, mas em todo o planeta, hoje envolto em tantas violências, mas guardando, aqui no Brasil e pelo mundo afora,





sinais de esperança e de renovação. A carta que os participantes do encontro de outubro enviaram a Francisco no final de dezembro, expressa bem este sentimento: "Os movimentos populares do mundo estamos muito orgulhosos e esperançosos com os frequentes exemplos que [Francisco] nos tem dado. Sua coragem para enfrentar temas internos da Igreja e os temas políticos que afetam os

poderosos nos dá ânimo. O mundo não está perdido! A humanidade tem energias suficientes para reverter e construir uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária"..

**Luiz Alberto Gomez de Souza é
Diretor do Programa de Estudos
Avançados em Ciência e Religião*

Universidade Candido Mendes

Cada família do MFC

Assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias
ASSINE OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27.249-3, agência 3139-9, do Banco do Brasil e remeta os dados pelo e-mail da Revista.

Assinatura anual: R\$ 32,00
(Trinta e dois Reais - 4 edições)

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

Tel/Fax: (32)3214-2952
- de 13:00 às 18:00 -

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO

Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520





A EXCLUSÃO SOCIAL:



O QUE FAZER DIANTE DESTA PRAGA?

*Oscavo Homem de Carvalho Campos**

Somos vítimas históricas da Exclusão, uma praga social multifacetária em contínua mutação, com grande poder de destruição e incrível capacidade de reprodução onde e quando menos se espera, causando tristeza, sofrimento e morte a milhões de pessoas, independentemente de sexo, idade, cor, religião, partido político, riqueza, ou qualquer outra categoria social criada pelo homem.

Os agentes ideológicos da exclusão são extremamente eficientes. Eles agem de forma sutil, falseiam as realidades, destroem cidadãos transformando-os em meros consumidores. São eles que, através da mídia formadora de opinião e de outros recursos vestem de roupagem moral as ações imorais. Pior ainda, sacrificam a ética pela valorização do que é antiético. Graças aos **agentes da exclusão social, o ser humano deixa de ser su-**

jeito e passa a ser objeto de consumo.

Os agentes da exclusão destroem famílias e Nações, supervalorizam a sobrevivência, criando uma situação na qual a prática do salve-se quem puder valoriza o individualismo e o egoísmo e acentua a exclusão social em um ambiente definido como MERCADO, onde predomina o INCOMENSURÁVEL DESEJO DE PODER E A ANSIA INFINITA DE RIQUEZA.

O fenômeno da exclusão social é de tal magnitude que é tratado em livros sagrados de grandes religiões, nas obras de grandes pensadores, bem como na vida dos defensores da inclusão social e da reconstrução da vida com dignidade e justiça.

Em termos dialéticos, a exclusão se mostra como uma continuada síntese resultante da contradição





entre a descrença e a fé, entre o desespero e a esperança, entre a falsidade e a verdade, entre o egoísmo e a solidariedade. Esta é uma luta de milhões de pessoas em momentos históricos distintos. É uma contradição que ocorre em palcos definidos de ordem social, política e econômicos diversos. Estão a ilustrar o fenômeno da exclusão social, entre outros exemplos:

- O desrespeito pelos velhos que erram pelas ruas, ou são esquecidos por parentes em asilos, por serem considerados estorvo.

- A luta dos sem teto por um lugar onde morar com a família com dignidade, enquanto, na verdade são iludidos por programas governamentais causadores de dependência maior dos excluídos, enquanto, do outro lado, favorecem a especulação e a concentração de riqueza para poucos.

- O movimento migratório no México, Haiti, África, e tantos outros lugares em busca do reencontro com a dignidade.

- As crianças que morrem por ingerir água imprópria ao consumo humano e os adultos que falecem por falta de água e ingestão de outros poluentes.

- A revolta de pessoas em clínicas e hospitais onde o juramento ético em defesa da vida é substituído pelo juramento de fidelidade profissional ao mercado, levando ao óbito de milhares de seres humanos em situação de exclusão.

- A destruição ambiental, justificada oficialmente na necessidade do progresso, que, entre-

tanto, traz em sua essência a desmedida ânsia do lucro e de poder sob o domínio de poucos.

- A violência que discrimina mulheres e dizima milhões de pessoas enquanto leva sobreviventes desesperados a pedirem, em oração, para que não sejam vítimas das estratégias das forças do mal. (Traficantes, atiradores, terroristas, exploradores do lazer, etc).

Para as pessoas que consideram a exclusão social uma praga, resta a questão: - O que fazer em relação a ela?

Entre as muitas sugestões plenas de sentido humanitário são destaques: - É preciso saber ouvir as palavras aflitas do incluído. - É importante compreender o que se passa no mundo e nele o que se passa com o ser humano. - Vale a pena estender a mão a quem "tropeçou" ou "caiu". É importante exercitar o perdão e buscar a paz. É preciso ser forte para sorrir ainda que magoado. É fundamental substituir o ódio que mata pelo amor que gera a vida em plenitude.

A vida nos ensina muitas coisas. Aprender a recomeçar é uma das mais importantes. Decida o que fazer de sua experiência de vida.

**Oscavo Homem de Carvalho Campos é Professor e membro do MFC/Juiz de Fora.*

Inspiração bibliográfica: Revista Brasileira de Sociologia





N.E.- Este é um resumo do texto que pode ser lido em sua íntegra na revista *Vida Pastoral* nº 302.

A MODERNIDADE LÍQUIDA E A VIDA HUMANA TRANSFORMADA EM OBJETO DE CONSUMO

*Eliton Fernando Felczak **

A atualidade é conceituada por Zygmunt Bauman, filósofo, sociólogo e pensador polonês, como “modernidade líquida”, pela incapacidade de manter a forma. As relações, instituições, quadros de referência, estilos de



vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar. Nesse contexto, as vidas humanas são transformadas em objetos de consumo. O ser humano deixa de ser sujeito e passa a ser objeto na relação de compra e venda.

A sociedade de consumo é uma teia de relações bem construída em que não restam muitas alternativas na luta pela sobrevivência. O ser humano, ancorado no discurso consumista, vive a sua vida sem se questionar sobre o que realmente acontece à sua volta. Vive-a como espectador, não como protagonista. Num ambiente incerto como o atual, o

consumo aparece como resposta à satisfação das ansiedades dos indivíduos.

A comodificação ou recomodificação das vidas humanas constitui longo processo visível no cenário da sociedade contemporânea. Bauman a define como “modernidade líquida”, devido às mudanças rápidas que ocorrem sem haver um embasamento firme ou algo que dê forma. A ideia é adaptar-se às situações como a água faz, de acordo com o recipiente em que é inserida.

Nesse ambiente, a pessoa é tratada como uma engrenagem da máquina chamada consumo. Deve alimentar o sistema com a sua vida,





sem perceber que também é um objeto de desejo a ser exposto no mercado de compra e venda.

Na modernidade líquida as comunidades tendem a se reunir em torno do entretenimento, de celebridades, de ídolos e não de ideais éticos.

Modernidade líquida

O conceito de sociedade líquida caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “autoevidentes”.

Bauman conceitua a modernidade como líquida devido à sua fluidez e mobilidade, conforme os recipientes apresentados para serem preenchidos. Isso não ocorre com os sólidos, pois estes têm forma definida e não se flexibilizam com as pressões impostas.

“TUDO O QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR”.

A liberdade adquirida surgiu com o derretimento dos sólidos, tirando o indivíduo da terra firme e levando-o ao oceano das incertezas. A liberdade nos tempos atuais é ilusória. A pessoa vive sempre na incerteza, pois sempre há a possibilidade de uma escolha melhor. O pensamento não é mais denso e ordenado, mas leve e

desordenado, para poder abarcar tudo o que a vida pode oferecer.

Para caracterizar a modernidade líquida, uma diferenciação: as comunidades existentes na modernidade sólida eram éticas, compreensivas, duradouras, genuínas, baseadas em normas e objetivos, nos quais os destinos eram partilhados visando à sua permanência. Na modernidade líquida, ocorre o inverso: as comunidades passam a ser estéticas, reunindo-se em torno do entretenimento, de celebridades e de ídolos. Essas comunidades estéticas, comunidades-cabide, dificilmente oferecem laços duradouros a seus membros; não permitem a condensação das comunidades éticas. Contribuem muito para a perpetuação da solidão do homem moderno. Surge um indivíduo diferente de tudo o que se viu na história humana. O ser humano líquido é um dos reflexos do novo jeito de pensar, no qual “virtualmente todos os aspectos da vida humana são afetados quando se vive a cada momento sem que a perspectiva de longo prazo tenha mais sentido”

VIDA HUMANA

Bauman entende que o ser humano atual é um produto do que acontece na modernidade líquida, abordando o indivíduo como alguém que integra uma sociedade e responde a ela, modelando-se aos seus ditames. A





corrente filosófica chamada “estruturalismo” serve de parâmetro para compreender esse pensamento do filósofo e sociólogo polonês. Segundo essa escola, “a categoria ou ideia de fundo não é o ser, mas a relação, não é o sujeito, mas a estrutura. [...] Os homens não têm significado e não existem fora das relações que o instituem e especificam o seu comportamento”

Tudo passa a ter cunho econômico, focalizando a materialidade nas relações. Na época líquido-moderna, o mundo está repartido em fragmentos mal ajustados e as existências individuais seguem o mesmo parâmetro. Elas estão fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados.

Se no passado a “arte da vida” consistia em encontrar os meios adequados para realizar os fins propostos, agora se trata de testar, um após o outro, todos (as inúmeras possibilidades) os fins, de acordo com os meios ao alcance.

A construção da identidade é infundável, pois seus experimentos nunca terminam. Quando o indivíduo assume uma, existem outras aguardando a sua vez. A liberdade de escolher uma identidade que esteja à disposição no mercado de consumo acaba sendo um valor em si mesmo.

A liberdade do indivíduo ante os mecanismos da mídia de massa re-

fere-se à escolha entre o leque de possibilidades oferecido. O indivíduo é livre desde que seja maleável perante as investidas dos modismos criados e desmontados pelos meios de comunicação de massa.

O protótipo do homem modulado deve ser provisório e não universalizante. Foi justamente isso que a modernidade líquida fez na formação da identidade dos indivíduos. Trata-se de processo contínuo e incessante. A cópia de modelos prontos e acabados pela mídia é algo que se aplica com eficácia ao indivíduo modulado, que não deixa de ser alguém que consome. O único personagem que os praticantes do mercado podem e querem reconhecer e acolher é o *Homo consumens*: “o solitário, autorreferente e auto-centrado comprador que adotou a busca pela melhor barganha como uma cura para a solidão e não conhece outra terapia”. Ele é o único capaz de manter a economia em movimento, sem questionar as influências que levam a seguir determinado exemplo e depois descartá-lo como se troca de roupa.

CONSUMO

O consumismo é um conceito novo nos dicionários de ciências humanas, especialmente nos de filosofia. O termo começa a sair do âmbito estritamente econômi-





co e sociológico, ganhando um significado dentro da filosofia: quando o ser humano deixa de ser sujeito e passa a ser objeto na relação de compra e venda.

No discurso do Sec. XVIII o consumo era visto como um componente secundário, com pouca relevância para as teorias econômicas e, menos ainda, para a vida cotidiana concreta. Não aconteceu, também, nenhuma mudança radical no século seguinte.

Não há nada desligado das estruturas econômicas vigentes. Segundo a tese do fetichismo da mercadoria de Marx, objetos tornam-se sujeitos e as pessoas tornam-se objetos, ocorrendo uma inversão radical de valores. Com efeito, o ser humano foi sendo coisificado cada vez mais no capitalismo. A pessoa tenta passar uma imagem de desejo às outras como se fosse uma mercadoria à venda em uma loja.

O consumo em si não tem um núcleo, mas, sim, várias estruturas que servem para que ele se perpetue continuamente.

O processo acontece de forma sutil, a ponto de o indivíduo nem perceber o quanto é modelado à racionalização da modernidade líquida. Nesse jogo de interesses, o Estado vem sendo capitalizado e orientado pelos grupos econômicos a propagar o estilo consumista de viver aos seus cidadãos.

“Quando o Estado reconhece a prioridade e superioridade das leis do mercado sobre as leis da polis, o cidadão transforma-se em consumidor”

Na sociedade de produtores, as pessoas eram valorizadas pelo papel que desempenhavam e seu desempenho financeiro era um prêmio para medir o valor e a dignidade delas segundo sua produção. No novo modelo consumista imediatista, o que interessa é a capacidade de consumir, mesmo que não haja grandes rendimentos.

A forma de planejar e organizar a vida na modernidade líquida é antagônica à da modernidade sólida. Planejamentos para a vida toda parecem ridículos, pois sacrificam os desejos momentâneos em vista de algo posterior no futuro.

A doutrina é incutida desde a educação escolar, com os meios de comunicação amarrando a pessoa dentro de uma estrutura consumista. “É melhor que as crianças se preparem desde cedo para o papel de consumidores/compradores ávidos e informados - preferivelmente desde o berço. O dinheiro gasto no seu treinamento não será desperdiçado”.

CONCLUSÃO

Não há como negar o papel do consumo na construção da





modernidade, da ética e da própria antropologia na atualidade. Bauman traz o termo consumo para dentro do campo da filosofia, indo além das abordagens então existentes nos campos da economia, da sociologia e da psicologia.

Na sua visão é a transformação da vida humana em mercadoria. Essa tese possui dimensão normativa, sendo parcialmente válida no pensamento sociológico contemporâneo.

As relações sociais e os laços afetivos estão cada vez mais vulneráveis na modernidade líquida. O cunho mercadológico passa a interferir nas relações afetivas, focalizando a materialidade do ser humano. Nunca houve tanta liberdade na escolha de parceiros nem tanta variedade de modelos de relacionamentos; no entanto, nunca os casais se sentiram tão ansiosos e prontos para rever ou reverter o rumo da relação. A relação deixa de existir.

Os jovens querem tornar-se celebridades e ser desejados como objetos de consumo, mesmo que por breve momento. Destaca-se atualmente o grande uso de antidepressivos. Na sociedade de consumidores, nem todos conseguem ser celebridades ou a melhor opção no mercado.

Ressalta-se que o consumo aliena a vida humana de sua capacidade de refletir, pois o uso livre e consciente da razão limitaria a manipulação. Tem forte influência no consumo a exaltação do tempo presente em detrimento do passado e do futuro. Na vida “agorista” dos indivíduos na modernidade líquida, o motivo da pressa é, em parte, o impulso de adquirir e juntar. Mas o motivo que torna a pressa de fato imperativa é a necessidade de descartar e substituir.

O prazer da compra não dura mais que uma semana, e a dívida talvez perdure anos. Alguém deve ganhar com isso, pois alimenta continuamente a roda da economia. Esse endividamento pode ir além da concepção monetária, sendo a vida exaurida e sugada pelo sistema econômico. A pessoa acredita que é livre, mas no fundo suas escolhas são fabricadas e apresentadas em uma gama de possibilidades preestabelecidas.

* *Eliton Fernando Felczak* é Bacharel em Administração pela Universidade do Contestado (UnC-SC) e em Filosofia pela Faculdade São Luiz (FSL-SC), pós-graduado em Estudos Bíblicos pela Faculdade Católica de Santa Catarina (Facasc), seminarista da Diocese de Joinville-SC. E-mail: elitonff@yahoo.com.br



A revolução na comunicação

Paulo do Carmo*

Entender e assimilar a reinvenção do mundo são os dois desafios impostos a nós, segundo estudo recentemente realizado (thecomunicationrevolution.com.br). Sobreviverá quem exercitar no seu cotidiano as seguintes onze premissas.

SEJA VERDADEIRO - Você está numa vitrine, é visto 24 horas por dia, sete dias por semana. Se errar, admita. Ser falso está fora de moda.

SEJA CONFIÁVEL - Confiabilidade se constrói através de relações de mão dupla.

FAÇA PARTE - Rejeite fortalezas, muros altos e intransponíveis. O encastelamento é inaceitável: onde ainda é muralha, construa aberturas. Participe, compartilhe, aproxime-se, humanize-se.

PENSE PLURAL - Viva do diálogo e da criação coletiva em diferentes plataformas. Rejeite verdades absolutas. Nenhuma merece crédito. A verdade é multifacetada e permite variadas interpretações e narrativas. Aprenda a contextualizar.

PENSE MÓVEL - O mundo está em nuvem, acessível e sem fronteiras. Aceite o inimaginável. Assuma a possibilidade de novos formatos e novas configurações; mobilidade é convívio, conveniência, é recriar experiências.

SEJA BETA - Assuma que as coisas ainda não estão totalmente prontas. Beta pressupõe questionamento, autocrítica e abertura para a mudança. Não case com as suas ideias, seja permeável, insatisfei-



to, incansável. O definitivo é provisório. Só o estado beta é permanente.

PENSE À FRENTE - Abandone as zonas de conforto e as certezas reducionistas do passado. Evite as fronteiras construídas pelo senso comum. A vida produz erros e acertos, aprenda com ambos. Vá em frente, inovação é coragem, experimentação, aprendizado e risco. E o lucro, é a remuneração do risco.

PENSE ELEVADO - Eleve o pensamento atribuindo aos seus propósitos significados mais nobres. Fazer negócio também existe para servir e melhorar a qualidade de vida das pessoas. Transparência, responsabilidade social e gratidão são moedas fortes. Elas criam um círculo virtuoso comprovadamente eficaz para os negócios. O lucro não perdeu a importância. Apenas não é mais a única razão de ser das empresas.

SEJA COLABORATIVO - A era digital fragmentou o mercado de trabalho. Hoje o valor está no comprometimento coletivo, na colaboração e na qualidade do que você e seus aliados entregam.

SEJA INTUITIVO - Intuir significa olhar com atenção, ver com todos os sentidos. Liberte-se das amarras do pensamento cartesiano. Demonstre com a lógica, descubra com a intuição.

SEJA ÚTIL - Utilidade não está no que você realiza, mas no modo como o que você realiza é percebido. Descubra o conhecimento capaz de fazer diferença na sua vida, e na vida dos demais.

**Paulo do Carmo é Doutor em Economia. twitter.com/paumartins*

Transcrito da Pauta Econômica

Frases Inspiradas



Nunca avalie a altura de uma montanha até que atinja o cume. Verá então como era baixa.

Dag Hammarskjöld



A vida é muito breve pra ser curta...

Jorge Leão *

O que nos inspira a seguir no tempo? Onde encontrar força para continuar nas curvas do tempo? De fato, um movimento constante e inquietante, diante da frenética perda de energias, em que nos encontramos atualmente e que, ao a que tudo indica, caminha sem rumo, em tempos de pouco tempo para coisas que levam tempo, como amor, amizade, sabedoria. Se o pressuposto, porém, for o *carpe diem*, isto é, “aproveitar o dia em sua inteireza”, então nos deparamos com o tema da gratuidade do belo. Perceber o traço do que não perece no que já perece, quando experiências de perdas caminham em passos largos, pode indicar o contraponto a este modelo hegemônico de mundo.

Mas, a que mundo estamos nos referindo? Falamos a partir de qual

modelo de mundo? O mundo dos programas de tempo informativos? O mundo do controle informacional? O mundo da ausência de sentido na vida, uma vez que hoje tudo perde sua “alma”, isto é, qualquer possibilidade de um traço de algo duradouro? Mesmo sabendo da escala de poder que emerge da pressão cotidiana no tempo, daquilo que é produzido para em seguida ser descartado, devemos levantar uma questão que pode suscitar algum contraponto: a vida é muito breve pra ser desperdiçada no superficial da intermitência cotidiana.

Dentro deste mecanismo, o medo ou ansiedade aumentam quando o tempo passa de modo a abreviar o prazer e aumentar a dor. Os dias parecem alargados pela imagem psicológica da tormenta interior, que se desmancha





por uma decepção, fracasso ou desarranjo intestinal. Frequentemente silenciemos sobre coisas desse tipo. Em grande parte das vezes, preferimos continuar no supérfluo da rotineira repetição das mesmas coisas previsíveis de outrora. E o tempo vai passando. E as cobranças aumentando...

Repetimos a roupa para não sair da moda. Entramos na moda pra não sair perdendo no vai e vem da tão propalada exigência de ser aceito pela massa. O tempo se delimita a consumir matéria corroida pelo desmanche no efêmero. Entramos num jogo desconhecido, onde a aposta de que “pode dar certo no fim” assume o lugar da confiança no outro, alimentada por laços profundos de amizade.

Encurtamos o almoço. Encurtamos as palavras. Não há mais tempo para cartas. Falamos por msn. O tempo é papel de troca. O corpo é moeda rentável nas bolsas de valores. Alma cabe dentro do *self*. A importância do que se aproveita em curtos intervalos de tempo é a medida de valor das relações de poder em demanda no mercado. Como a velocidade da troca não dá conta do olhar desnortado do outro, é comum associar encontros de amizade com bate-papo virtual. Alguns resistem ao frequente ata-

que dos sedutores programas feitos pra durar o mínimo necessário. Outros decidem mergulhar de vez no controle matricial dos sofisticados *softwares* de última geração. Muitos milhares de outros não conseguem nem ao menos perceber a própria ruína do mecanismo de obsolescências em que estão cotidianamente inseridos.

Neste *glamour* de controles descontrolados, surge o incômodo problema: como passamos pela vida? Uma pergunta com graves implicações existenciais. Diante do tempo submetido ao domínio das máquinas, resta alguma força de resistência contra-matricial via filosofia, arte ou valores éticos?

De fato, muito de nosso esforço intelectual recai sobre a questão de como frear o desperdício de energia física e psíquica em termos de consumo de obsolescências. No entanto, diante dos atrativos efeitos midiáticos, talvez a estratégia não fosse medir forças com a eficiência dos fortuitos discursos *online* na rede, mas possibilitar o encontro com os peixes em seu próprio *habitat*, isto é, translocar o informacional imediatista para o comunicacional dialógico. Isso, claro, vai exigir de nós tempo, paciência, caminhada. Outro tempo...





Assim, quem sabe, possamos indicar caminhos de alternância para o tempo encurtado dos lugares em que pessoas não se encontram como interconexão, pois na rapidez do *chat* pouca coisa pode ser sorvida de modo a gerar laços de comunicabilidade. Tal condição exigiria de nós alteração no modo de per-

ceber o tempo, não mais mecanizado, pois agora livre da robotização dos encontros efêmeros em nossos grupos de virtuais imagens projetadas na tela de uma máquina também pré-programada.

** Jorge Leão é Professor de Filosofia do IFMA – MFC S.Luís*

O tema da dor e das perdas podem ser encarados como uma simbologia da transformação.

As árvores são sinais vivos desta metáfora... elas crescem, envelhecem e deixam seus frutos, que mais tarde voltarão à terra como sementes, para que novas árvores renasçam...

Isso é encantador, e pode nos ajudar a superar as crises advindas do sofrimento...

Que neste caminho de aprendizado, novas luzes alimentem nossa terra...

Jorge Leão – MFC S. Luís – MA



Quem quer vencer um obstáculo deve armar-se da força do leão e da prudência da serpente.

Píndaro





Adital -
A resistência ao neoliberalismo, especialmente ao longo da década de 90, foi protagonizada particularmente pelos movimentos sociais, seja pela renúncia de muitas forças partidárias a desempenhar esse papel, seja porque os efeitos mais cruéis do neoliberalismo se dão exatamente no plano social. Formulou-se nesse momento a expressão “autonomia dos movimentos sociais”, com o sentido de lutar contra a subordinação a forças políticas e lutar pelo predomínio das forças que mais diretamente expressavam os interesses populares.

Mas, que significado pode ter a autonomia do social? Autonomia diante do quê? O “outro mundo possível” pode ser construído a partir da “autonomia do social”?

Essa autonomia aponta para a centralidade da “sociedade civil”, para a contraposição ao Estado, à política, aos partidos, ao poder - conforme ficou consagrado na Carta do Fórum Social Mundial. No limite, se identifica com duas versões teóricas: a de Toni Negri, por um lado, a de John Holloway, por outro, ambas tendo em comum a contraposição ao Estado, promovendo, em contraposição, a esfera social.

Essa concepção primou durante a década de 90 quando, colocadas na defensiva, as forças anti-neoliberais se concentraram no plano social, desde onde desataram suas principais mobilizações. A partir do momento que se evidenciou o desgaste precoce do modelo neoliberal - particularmente depois das crises nas três





maiores economias do continente, México, Brasil e Argentina -, a luta passou a outra fase: a de construção de alternativas e a de disputa por uma nova direção política.

Foram se sucedendo, assim, as eleições de presidentes, como rejeição dos governos neoliberais, em 8 países do continente – já com três reeleições –, marcando a fase de transferência da esfera predominante para a política.

Quem não entendeu essa nova fase, deixou de captar o andamento da luta antineoliberal.

Quem persistiu na “autonomia dos movimentos sociais”, ficou relegado ao corporativismo, opondo autonomia a hegemonia e renunciando à luta pela construção do “outro mundo possível”, que passa pela conquista de governos, para afirmar direitos – **dado que o neoliberalismo é uma máquina de expropriação de direitos**. Além de que outros elementos essenciais do antineoliberalismo, como a regulação da circulação do capital financeiro, a recuperação da capacidade reguladora do Estado, o freio aos processos de privatização, o avanço nos processos de integração regional, entre outros, supõe ações governamentais.

Transformar a autonomia numa categoria absoluta – em qualquer

esfera: social, política, econômica ou ideológica – significa não captar o peso das outras instâncias e entender a política como uma esfera entre outras e não como a síntese delas todas. A avaliação dos governos tem que ser feita em função da natureza do seu programa e da sua capacidade de realização, no caso do nosso continente, no período atual, pela ação contra o modelo neoliberal e a favor dos processos de integração regional e contra os TLCs.

Os movimentos sociais são um componente, muito importante, mas não o único, do campo popular ou campo da esquerda, como se queira chamar, ao qual pertencem também forças políticas, governos, locais, estaduais ou nacionais. Nunca os movimentos sociais, autonomamente, dirigiram ou dirigem um processo de transformações na sociedade. Para fazê-lo, tiveram que, como na Bolívia, construir um partido - nesse caso, o MAS – isto é, restabelecer, de uma nova forma, as relações com a esfera política, para poder construir uma hegemonia alternativa.

A autonomia que faz sentido na luta emancipatória é aquela que se opõe à subordinação dos interesses populares e não a que se opõe à hegemonia, que articula



obrigatoriamente as esferas econômica, social e ideológica, no plano político. A passagem da defensiva – concentrada na resistência social – à luta por uma nova hegemonia, caracteriza a década atual no continente, que se transformou, de laboratório de experiências neoli-

berais, no elo mais frágil da cadeia neoliberal no mundo.

** Emir Sader é Filósofo, cientista político e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), onde coordena o Laboratório de Políticas Públicas*

Viver como as flores

– Mestre, como faço para não me aborrecer? Algumas pessoas falam demais, outras são ignorantes. Algumas são indiferentes. Não consigo conviver com as mentirosas. Sofro com as que caluniam.

– Pois viva como as flores – advertiu o mestre!

– Como é viver como as flores? – perguntou o discípulo.

– Repare nestas flores – continuou o mestre, apontando lírios que cresciam no jardim. – Elas nascem no esterco, entretanto, são puras e perfumadas. Extraem do adubo malcheiroso tudo que lhes é útil e saudável, mas não permitem que o azedume da terra manche o frescor de suas pétalas. É justo angustiar-se com as próprias culpas, mas não é sábio permitir que os vícios dos outros o importunem. Os defeitos deles são deles e não seus. Se não são seus, não há razão para aborrecimento. Exercite, pois a virtude de rejeitar todo mal que vem de fora. Isso é viver como as flores.





Datacracia

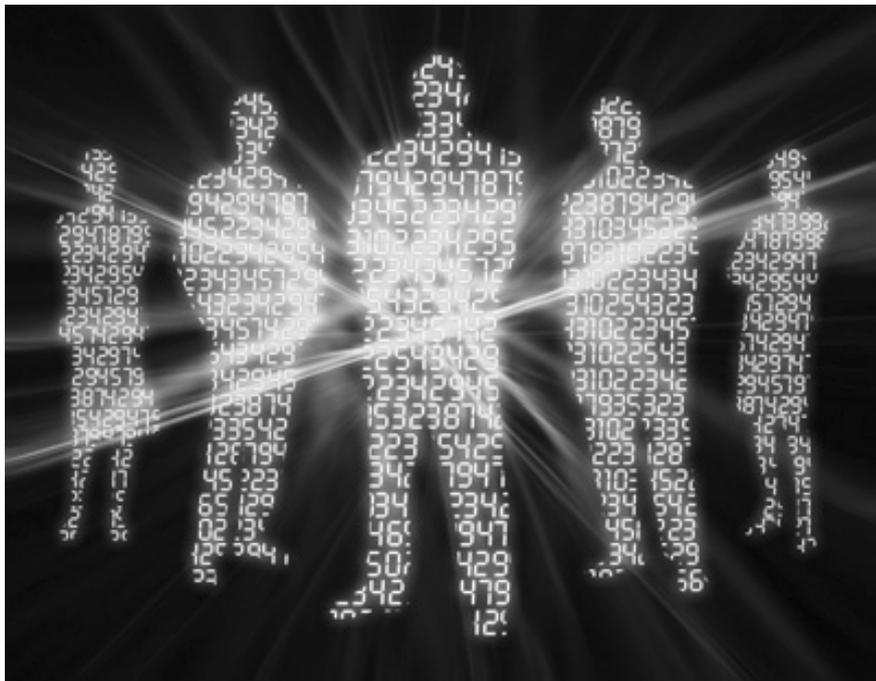
*LuliRadfahrer**

Caminhamos para uma época de vigilância sem precedentes. A coleção de rastros digitais deixados a cada chamada, transação financeira, uso de GPS e rede social, alimenta bases de dados comportamentais que conseguem identificar, com precisão crescente, os movimentos e dinâmicas da cidade.

A rede, que já era quase onipresente, se torna também onisciente. Críticos podem

espernear, mas o fato é que a vida privada, na forma como a conhecemos hoje, é coisa do passado. O mundo digital é um mundo de registro e observação, e reclamar dele é a mesma coisa que reclamar de televisores, celulares, Facebooks e WhatsApps: na melhor das hipóteses, infrutífero.

O que fazer, então? Para começar é preciso repensar as instituições e formas de organização social. As principais maneiras ocidentais de compreender e administrar grupos humanos foram criadas em





uma época mais calma, menos informada. A concepção atual de “sociedade” nasceu durante o Iluminismo e se consolidou na primeira metade do século 20, uma época de carruagens, vapores e pombos correio.

Hoje esse modelo está próximo de seu esgotamento. Em uma sociedade de preferências individuais, partidos e sindicatos parecem médias grosseiras, estereótipos que consideram seus membros uma massa uniforme. Os mercados de Adam Smith são tão impessoais quanto as classes marxistas.

A vitória institucional da democracia, evidente pela tentativa de regimes totalitários de se camuflarem dela, disfarça sua vulnerabilidade à corrupção e à manipulação. No ambiente de riqueza de dados a sensação geral é que dá para fazer melhor.

A sociologia contemporânea mostra que a população é composta de subgrupos distintos, marcados mais por afinidade do que por bairro de residência, profissão ou renda familiar. Os membros de cada uma dessas “tribos” urbanas costumam ir ao mesmo tipo de lugar, vestir-se de forma parecida, ter padrões de gastos e viagens proporcionais. Suas escolhas individuais os agrupam em associações comportamentais, dinâmicas.

É nesse ponto que as tecnologias de “Big Data” podem fazer a diferença em políticas públicas. Novas ciências sociais quantitativas usam teorias computacionais para prever dinâmicas e interações sociais, ajudando a criar modelos matemáticos para detectar anomalias, comparar cenários e ajustar variáveis para atender a demandas.

Pode-se, então, observar o comportamento de seres humanos da mesma forma que se observam formigas ou abelhas? De certa forma, sim. É claro que, ao contrário de formigas ou abelhas, as atitudes humanas não são determinadas puramente por instinto. O pensamento não é observável. Baseado em escolhas pessoais, ele é rico e imprevisível.

Mas tomar milhares de decisões cotidianas dá muito trabalho, e para a maioria das pessoas, a sensação de livre-arbítrio é maior do que a real espontaneidade. Os dados já coletados por alguns experimentos sociais mostram que o desvio dos padrões ocorre muito raramente. A regularidade estatística que abrange a população é verdadeira para quase todo mundo, em quase todo o tempo.

Ao reunir Economia, Sociologia, Psicologia, Matemática complexa, processos de tomada de decisão e grandes bases de dados,





novos algoritmos deverão ser capazes de ver além de classes, profissões, bairros e partidos e ajudar a desenvolver uma “datacracia”, que colabore para evitar crises de abastecimento e infraestrutura, orientar investimentos e simular ações de intervenção.

Todo esse poder lembra o domínio aterrorizante de livros como “1984” e “MinorityReport”. De qualquer forma ele já é utilizado pela publicidade moderna e por grandes mercadores de informação, como telefônicas, instituições financeiras e supermercados, à revelia ou na ignorância de quem os utiliza. Facebook e Google não são gratuitos, eles comercializam os dados de seus usuários para quem pagar melhor. Está na hora dessa observação toda gerar alguma vantagem social.

Há quem tema que o emprego dessas tecnologias torne a administração pública positivista, impessoal, tecnocrática ou burocrática, minimizando até suprimir o papel dos prefeitos. É um risco, embora eu acredite que adminis-

trações bem-intencionadas devam usá-las como consultores técnicos para reduzir gastos desnecessários e criar administrações mais humanas e integradas.

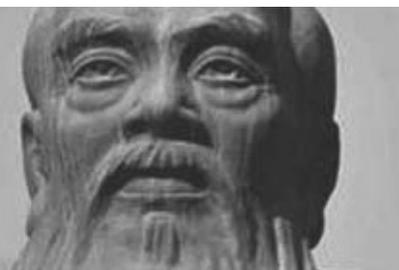
No futuro próximo será possível imaginar uma completa reestruturação do urbanismo, deixando o sistema estático de hoje para criar uma estrutura dinâmica, em que cada recurso - água, alimentos, resíduos, transportes, educação, energia etc - seja integrado a sistemas autorreguláveis, impulsionados por necessidades e preferências públicas.

Mas para isso é necessário garantir que os dados coletados não sejam usados para fins escusos. O poder é grande, e a tentação de abusá-lo, maior ainda. A “datacracia” pode ser meritocrática, burocrática ou tecnocrática, mas essa decisão deve ser tomada por um sistema jurídico e institucional forte, que proteja liberdades individuais ao mesmo tempo que estimule a transparência.

Transcrito da folha.com/tec

A melhor maneira de se ser feliz é contribuir para a felicidade dos outros.

Confúcio



Humildade

Luiz Felipe Pondé*

A humildade é uma das virtudes mais difíceis na vida. Principalmente porque está fora de moda, confundida com baixa autoestima. Somos ensinados a buscar o orgulho como autoafirmação. Nada mais distante de uma personalidade razoavelmente madura do que o orgulho.

A humildade é uma das virtudes bíblicas. O filósofo judeu Martin Buber, quando elenca em

seu maravilhoso “Hasidism and Modern Man” (Prometheus Books), de 1988, as quatro principais virtudes do místico hassídico, coloca a humildade como a máxima entre elas.

O hassidismo é uma escola judaica típica do leste europeu dos séculos 18 e 19, e o termo vem da palavra hebraica “hesed”, que pode ser traduzida por “piedade”.

As quatro virtudes são: êxtase na contemplação (“hitlaha-vut”), trabalho (“avo-dá”), a intenção reta do coração (“kavanã”) e a hu-





mildade (“shiflut”). Segundo ele, alguém que tem intimidade com D’us (no judaísmo, não se escreve o nome de Deus completo) tem gosto pelo trabalho, seja ele qual for, porque sente que ser parte do mundo é colaborar com ele.

O êxtase é o que acontece com quem vê D’us e sua piedade com frequência. O ato de contemplar D’us – a palavra “hitlahavut”, em hebraico, remete ao fogo – “incendeia a alma”. A intimidade com Deus leva o místico a não conseguir mentir aquilo que sente e pensa, ele diz. Daí a ideia de um coração reto.

Por fim, a humildade. As três anteriores convergem para o que Buber se refere como a consciência de que D’us carrega o mundo na palma da Sua mão, imagem comum na Bíblia hebraica (o Velho Testamento dos cristãos).

Ê comum personagens, como Davi e Abraão, usarem essa imagem ou similares para descrever a relação entre D’us e o mundo. A humildade é marca suprema da alma que se conhece sem mentir para si mesma.

A humildade também pode ser vista como grande virtude e desafio para pessoas distantes de qualquer sensibilidade religiosa, mas que têm grande sucesso na vida.

Se você é alguém que não teve sucesso na vida, dizer que é humilde é mais falta de opção do que qualquer virtude de fato. Por isso, a humildade sempre foi cobrada de grandes guerreiros e mulheres lindas.

O sucesso, seja ele físico, financeiro, intelectual ou “imaterial”, sempre foi um desafio: o risco do sucesso é deformar a alma. Sobre isso, basta ver o horror que é o mundo intelectual e seu profundo desprezo (ao contrário do que querem transparecer) pelo “povo”.

A chamada “segurança de si” vai melhor com a humildade do que com o self-marketing. Qualquer pessoa sabe que não se pode falar das próprias virtudes, porque o autoelogio é signo de desespero.

A humildade é o manto com o qual a alma virtuosa se cobre e esconde sua face. E isso nada tem a ver com tristeza ou falta de percepção do sucesso. A felicidade, quando verdadeira, é sempre uma forma de generosidade.

Assim como D’us esconde a sua face, segundo o hassidismo, para nos “proteger” de sua grandeza, o virtuoso esconde seu rosto “em chamas”, seja ele incendiado por D’us, seja pelo sucesso, para que





não saibam que ele está acima do homem comum.

Não é outro o sentido de se dizer, no cristianismo, que Jesus era um humilde. Qualquer homem comum que fosse alçado a condição de D'us seria um miserável orgulhoso.

Porém, existe um outro tipo de humildade, de que não se costuma falar muito, mas que considero tão essencial quanto o que é mais falado no mundo da filosofia moral. Trata-se da humildade da qual fala Freud. Estranho? Nem tanto. Na psicanálise, a humildade é também essencial.

O sábio de Viena dizia que se ele conseguisse levar seu pacien-

te a trabalhar e a amar razoavelmente, estaria satisfeito como psicanalista.

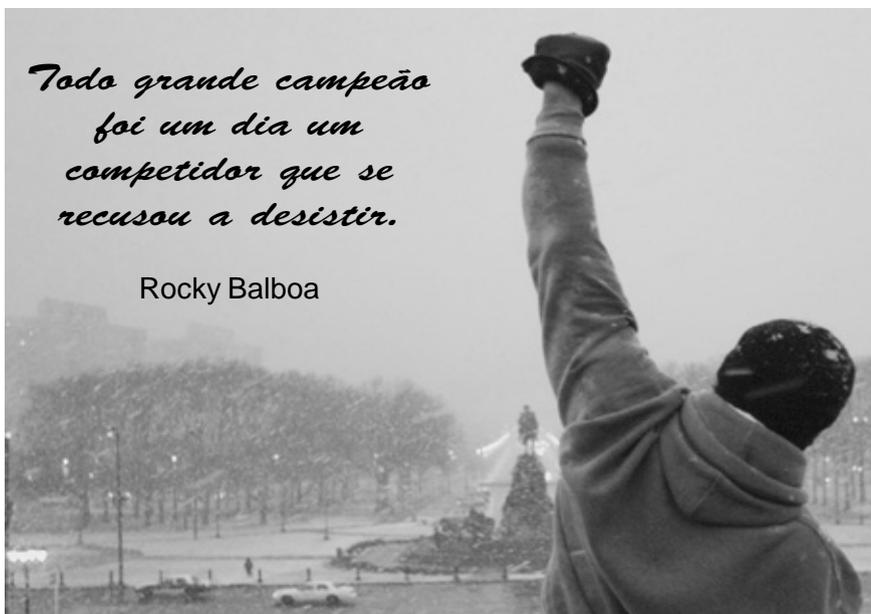
Além do fato de que grande parte dos psicanalistas é tão horrorosamente orgulhosa quanto minha tribo de filósofos e afins (em alguns casos, o orgulho de alguns beira o grotesco), acho que essa fala de Freud não serve apenas para esses profissionais, mas também para os pacientes.

Muitas vezes, se concentrar em conseguir levantar de manhã e trabalhar, conseguir olhar para as pessoas à sua volta e ser generoso, pode ser o maior dos milagres na Terra.

Transcrito da Folha de São Paulo

*Todo grande campeão
foi um dia um
competidor que se
recusou a desistir.*

Rocky Balboa





Não a uma economia da EXCLUSÃO

Papa Francisco Evangelii Gaudium 53

Assim como o mandamento «não matar» põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer «não a uma economia da exclusão e da desigualdade social».

Esta economia mata. Não é possível que a morte por enregelamento dum idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social.

Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. **O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois jogar fora.**

Assim teve início a cultura do «descartável», que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenómeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. **Os excluídos não são «explorados», mas resíduos, «sobras».**





Nossos governos, nossos erros

*J.M.Guedes**

Como órgão que pretende ser formador de consciência cristã, crítica e responsável, não poderíamos nos calar diante dos que acusam e promovem um verdadeiro linchamento moral do poder executivo federal.

Antes que também nos acusem de querer simplesmente defender o governo e seu partido, pediríamos que refletissem com boa dose de autocritica as análises que adiante apresentaremos.

O comportamento moral do brasileiro, e por que não dizer do ser humano, há muito tempo é bastante flexível e permissivo. O "jeitinho brasileiro", "a mania de querer levar vantagem em tudo", a displicência com a observância de prazos, o descumprimento de regras de civilidade, a falsa cordialidade e aceitação das diferenças raciais, a indiferença às injustiças sociais, são outras características que moldam nosso caráter e, conseqüentemente, levamos para o exercício de funções públicas quando a elas somos guindados.

Nossos órgãos de imprensa falada e televisada, por serem concessões públicas, deveriam, a nosso ver, adotarem pauta mais consciente e responsável diante de sua imensa penetração.

Nossos meios impressos de comunicação, são pouco afeitos ao contraditório e com raríssimas exceções admitem colunistas que contrariem seus interesses comerciais e políticos, nem sempre muito claros, mas sempre bem subentendidos. Tampouco aceitam publicar com igual destaque contestações às matérias editadas com evidente interesse político partidário do jornal.

Nos incomodam também o pouco mérito e divulgação amplamente negativa que se dá a programas públicos claramente positivos e necessários como "Mais Médicos", "Bolsa Família", "Pronatec", "Enem", "Prouni", "Minha Casa, Minha Vida"; "Luz Para Todos", extensão das redes elétricas aos mais distantes rincões do país; quase "Um Milhão de





Cisternas Domésticas” nas regiões da seca nordestina; a “Transposição de Águas do Rio São Francisco”, um corajoso plano de levar água permanente ao polígono da seca projeto gigantesco que enfrenta e vai superando sucessivos obstáculos à engenharia, etc.

Outro procedimento da imprensa que muito nos preocupa é a execração dos dirigentes de órgãos públicos que lutam com falta de recursos humanos e materiais e são pública e irresponsavelmente classificados como displicentes descumpridores de seus deveres.

Finalmente reservamos espaço para analisar as manifestações públicas que vêm ocorrendo. Apesar de legítimas e democráticas demonstram um caráter predominantemente partidário e desrespeitoso com a maioria silenciosa,

pretendendo substituir um governo também legitimamente eleito, sem considerar que seus eventuais substitutos são igualmente passíveis das mesmas críticas e possíveis condenações.

Cabe ainda considerar que, sob nosso ponto de vista, para não ser considerado hipócrita o cidadão só deveria aderir a uma manifestação que “defende” a moralidade pública se ele também fosse totalmente responsável e cumpridor de seus deveres com a família e com a sociedade, repudiando a prática generalizada da sonegação de impostos, e considerasse, sobretudo, que o interesse público deve prevalecer sobre seus interesses pessoais.

A esse respeito a literatura bíblica tem muito a nos ensinar.

MFC Juiz de Fora





Orai por nós!

Déa Januzzi

Podem dizer a uma mãe que precisa ficar tranquila, equilibrada, concentrada em si mesma, que ela tem de se curar antes de tomar conta de um filho que sofre. Poder mandar uma mãe para a China ou Conchinchina para ficar longe dele, podem proibi-la ou - para ser mais suave - sugerir que ela não beba vinho nem fume dentro de casa para dar o exemplo.

Podem dizer a uma mãe que ela é culpada por todos os desencontros do filho, podem até penitenciá-la pelas falhas do filho. Os ditos amigos, os parentes próximos e os distantes, os conhecidos que mal passaram pela vida dessa mãe e já sumiram de vez por pequenos detalhes que não fazem a menor diferença podem condená-la ao degredo da solidão. Podem deixar de visitá-la, de gostar dela, podem até deixar que ela se interne dentro de casa.

Podem até insistir numa receita infalível, que geralmente não funciona. Podem desfiar conselhos que uma mãe sabe que não vão adiantar nada. Podem mandar essa mãe procurar o pai do filho



dela. E alguns chegaram até a sugerir "Por que você não procura um homem da família?", como se qualquer homem pudesse simplesmente usurpar o papel do pai simplesmente porque é do sexo masculino.

Podem também dizer a distância que ninguém se intrometa, mas sabe para quê? Não é pela mãe e pelo filho, mas para que não se comprometam com o afeto, porque neste momento é do que mãe e filho mais precisam. A mãe Já fez psicanálise por anos a fio, já fez terapias holísticas, constelação familiar, já fez desintoxicação, despertar da consciência, acupuntura, massagem com pedras quentes, meditação, mergulhos interiores, mas não conseguiu esquecer que o filho ainda não encontrou seu caminho, que ele ainda está perdido. Como esquecer?





Só se ela conseguisse antes abortar a fé no amanhã.

Podem dizer que algumas mães são perfeitas, mas não são, porque não há pai nem mãe feitos num molde de gesso. Nem em formas de inox. Algumas mães fingem que não sabem o que os filhos fazem - e assim continuam felizes para sempre, achando que os filhos também são perfeitos, quase santos.

Podem dizer a uma mãe que ela não pode ser tão amiga do filho, mas ela prefere essa condição a fingir que tudo são flores. Podem dizer à mãe que ela tem que ser feliz independentemente do filho. Vocês conhecem alguma que é? Digam que ela vai atrás, beber na fonte dessa mãe.

“Talvez seja o único *momento* da existência de uma mãe que seja perfeito, porque ela está em sintonia com o universo dentro de si”

Podem até dizer que a relação dela com o filho é simbiótica e que ele já saiu da barriga dela. Talvez, seja o único momento sagrado em que uma mãe cuida de si mesma, para cuidar do filho, para nutri-lo tanto quanto a si. Dentro da barriga, a mãe trata de ir ao médico todo mês para fazer o pré-natal, porque ela sabe que, se estiver bem, o filho tam-

bém estará. Talvez, seja o único momento da existência de uma mãe que seja perfeito, porque ela está em sintonia com o universo dentro de si. Enquanto embala o filho, a mãe sonha com um mundo onde as pessoas saibam o significado da palavra compreensão.

Expulso da barriga para o mundo pela própria natureza, a mãe sabe que a partir desse momento ela será feliz quando o filho encontrar o próprio caminho, quando ele alçar voo em direção à montanha sagrada da vida.

Há uma receita para que o filho encontre o caminho? Os arautos dizem que é o limite, tem que dizer não, tem que cortar, vender, proibir, vociferar, negar.., Mas será que não dá para dizer sim, amar sobre todas as coisas, procurar dar ao filho o melhor de si? Será que não dá para educar com carinho? Ou ser liberal em vez de repressora?

A mãe não tem receita nem de bolo. Às vezes, ele desanda, encroa, não cresce, mas, às vezes, o bolo fica tão belo que ela pensa que acertou a receita, mesmo sem prestar atenção nos ingredientes e no modo de fazer. Há bolo melhor do que esse, feito com liberdade, criatividade, ternura, compreensão, alegria e misericórdia?



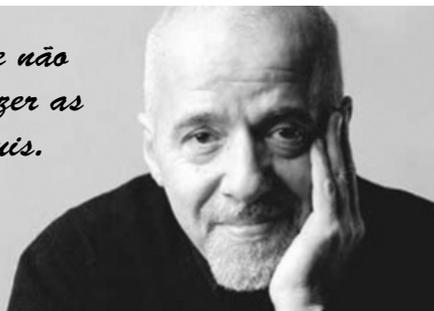
Não peçam a uma mãe que se cuide, que fique na academia em busca de músculos rígidos, nem que ela se entupa de botox para paralisar os músculos que caem. Nem que assim ela conjugue o verbo: eu sou, eu posso, eu tenho, eu vou. Uma mãe não tem esse poder. Conheço mães que

fumam, bebem, tropeçam, levantam e os filhos foram para um outro caminho. Conheço mães certinhas, cujos filhos enviezaram. Mãe é só um canal dessa luz divina, cujo filho veio do seu ventre, amém!

Transcrito do jornal Estado de Minas

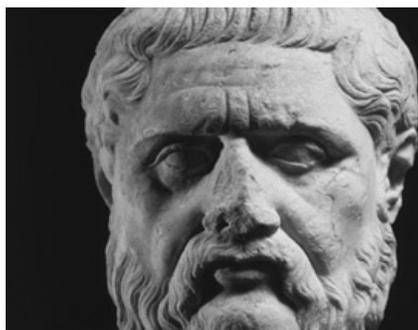
*Um dia você vai acordar e não haverá mais tempo para fazer as coisas que você sempre quis.
Faça-as agora.*

Paulo Coelho



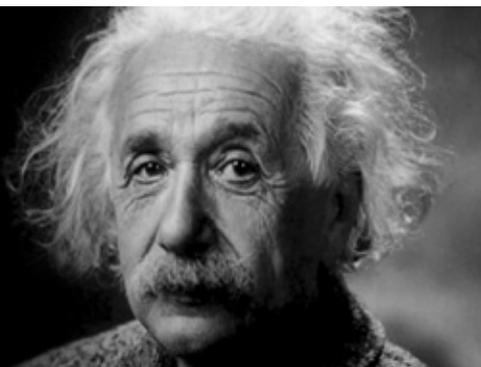
*Tente mover o mundo.
O primeiro passo será mover a si mesmo.*

Platão



Se quer viver uma vida feliz, amarre-se a uma meta, não a pessoas nem a coisas.

Albert Einstein





Reconheço legítimas todas as manifestações, mas preciso discordar de que elas não tiveram foco. Tiveram sim um foco golpista: o Impeachment de Dilma. Impeachment é golpe por não termos razões objetivas e concretas de improbidade contra a presidente.

Impeachment é golpe por atentar a democracia em um de seus pilares mais importantes: a vontade da maioria, através do voto. Eu acredito que deveríamos combater corrupção como um dever cívico de todos os brasileiros e combatê-la também através uma ampla e irrestrita reforma política.

O sistema político, infelizmente, está podre e colabora com a corrupção institucionalizada que o país acaba de descobrir. A maldade ou a bondade não estão personificados numa única pessoa ou num único partido.

Estamos perplexos pela maneira simplista e obsessiva com que alguns tratam da questão do impeachment! Não discutem nem apresentam as consequências de tal hipótese nem propõem nada de objetivo para combater a corrupção, como por exemplo, uma ampla e abrangente reforma política.

Minha opinião: combate à corrupção se faz com uma ampla reforma política e com dever cívico dos cidadãos (passando da passividade para cidadania ativa). O dia em que a Justiça condenar e punir os corruptos com rigor e a sociedade não tolerar mais nenhuma forma de corrupção, avançaremos no seu combate.

Eliminar a corrupção é muito difícil, pois desde sempre a humanidade demonstrou-se vulnerável e corruptível!

Nei Alberto Pies é professor e ativista de direitos humanos. Rio Grande do Sul

Bandeira do Divino

Ivan Lins

*Os devotos do Divino vão abrir
sua morada*

*Pra bandeira do menino ser bem-
vinda, ser louvada, ai, ai*

*Deus nos salve esse devoto pela
esmola em vosso nome*

*Dando água a quem tem sede, dando pão a
quem tem fome, ai, ai*

A bandeira acredita que a semente seja tanta

Que essa mesa seja farta, que essa casa seja santa, ai, ai

Que o perdão seja sagrado, que a fé seja infinita

Que o homem seja livre, que a justiça sobreviva, ai, ai

Assim como os três reis magos que seguiram a estrela guia

A bandeira segue em frente atrás de melhores dias

No estandarte vai escrito que ele voltará de novo

E o Rei será bendito, ele nascerá do povo, ai, ai





Helio Amorim*

Para os cristãos, numa perspectiva de fé, uma união assumida, se apresenta como um símbolo da relação amorosa e humanizadora de Deus com o seu Povo.

Se os que assim se unem, assumem a sua união com plena consciência de sua dimensão simbólica, e tomam o amor de Deus como inspiração e modelo para a vivência e crescimento do amor conjugal, este símbolo é proclamado como sinal ou sacramento do amor de Deus. Dizemos que o sacramento, naquela visão de fé, é um sinal sensível (que se percebe pelos sentidos, é visível nos seus

gestos e manifestações) e eficaz (reproduz e alimenta o seu conteúdo simbólico). Ou seja, o casal que assim se ama, nos faz recordar o amor de Deus e, ao mesmo tempo, faz crescer o amor daqueles que o assumiram nessa perspectiva sacramental.

O sacramento do matrimônio é um sacramento divino, por sua referência a Deus. Como nos demais sacramentos, há uma matéria prima indispensável: o amor entre um homem e uma mulher que numa perspectiva de fé, tomam o amor de Deus por nós como modelo para o seu amor. Os que assim se unem conheceram como o Deus da Bíblia nos ama: amor gratuito e fiel, amor-doação-serviço



comprometido com a nossa humanização, que respeita a nossa originalidade, e aceita nossas limitações. Amor que não domina, antes nos liberta, que não manipula e sufoca, antes nos promove e ajuda a caminhar, um amor capaz de levar a dar a vida por nós (o que não é simples hipótese romântica mas morte real e de cruz).

Então percebem que a sua união, fundada no amor, é um sinal ou reflexo ainda que pouco luminoso do amor de Deus. Estão dispostos a viver esse amor numa profunda relação interpessoal, dialógica, de revelação mútua, comprometidos com a realização das potencialidades do outro, que se expresse em atos concretos e gestos simbólicos. Nunca fechado em si mesmo, mas aberto ao mundo e comprometido com a justiça e a humanização da história humana, nela intervindo, como Deus sempre o fez, em favor dos mais fracos. Estão prontos, então, a proclamar que a sua união é um sacramento divino. Para isso, convidarão a comunidade cristã, seus parentes e amigos, aos quais anunciarão a sua união e pedirão apoio para vivê-la nessa dimensão sacramental. Esse é o sentido da celebração religiosa do casamento que inaugura uma nova família cristã.

A comunidade presente, consciente do que está sendo celebra-

do, responderá ao pedido do casal, comprometendo-se a ajudá-lo na concretização da sua disposição de se amarem sempre como Deus nos ama. O sacerdote que, em nome da comunidade preside a celebração, reconhece e proclama, então, que essa união é um sacramento divino, cujos ministros são, na verdade, os que se casam. Porque, de fato, somente eles são capazes de dar à sua união essa dimensão sacramental. Este ritual tão emocionante e a vivência do casal serão os sinais sensíveis desse sacramento. A Graça que tomará esse sinal eficaz será derramada por Deus sobre o casal e sobre todos aqueles que assumiram o compromisso de ajudá-lo a viver a sua união como sacramento.

Temos que reconhecer que muitos, talvez a maioria dos casamentos que se celebram nas igrejas, não são sacramento, não obstante a bela coreografia montada, com música, flores e tapetes. Não passam de um ato social, enraizado na nossa cultura, mas nada tendo a ver com a fé, sem referência consciente ao amor Deus tomado como modelo de uma união humanizadora, com os compromissos dele decorrentes.

Por outro lado, há graus de sacramentalidade matrimonial. Se a dimensão sacramental decorre da qualidade e profundidade do





amor que une o casal, quanto mais se amam, mais se assemelhará o seu amor ao amor de Deus, portanto, mais nítida e real será a sua sacramentalidade. Na vivência do casal, ao longo de sua vida conjugal, haverá tempos de maior e tempos ou momentos de menor densidade sacramental.

Essa concepção representa um desafio evidente. Quer dizer que o sacramento não é um selo de garantia ou marca indelével e definitiva gravada numa linda celebração. Aquele não foi um ato mágico, que transformou em sacramento o que antes não era. Na verdade, a sacramentalidade nasceu no momento em que os dois reconheceram a semelhança do seu amor com o amor de Deus e o assumiram como tal. A celebração foi o anúncio e o pacto estabelecido com a comunidade cristã. Tampouco ficou definido, naquele momento, o grau de sacramentalidade da sua união. Talvez fosse apenas incipiente e ainda débil essa dimensão sacramental, diante do imenso potencial de crescimento e amadurecimento do amor dos dois.

Esse é o desafio: a sacramentalidade da união conjugal é chamada a crescer, consolidar e aprofundar-se. Ou seja, o amor que os uniu terá que ser cultivado cuidadosamente no dia-a-dia da vida conjugal e familiar para que cada vez mais se pare-

ça ternura, o relacionamento sexual como expressão e celebração festiva do amor, a ajuda mútua, o reconhecimento das qualidades do outro, o incentivo à sua realização pessoal, o respeito à individualidade - tudo contribuirá para o crescimento do amor e, portanto, para a crescente densidade sacramental da união conjugal. Mas vice-versa: a falta desses alimentos pode esvaziar o amor e a sacramentalidade no princípio assumida.

Podemos concluir que o potencial humanizador da união do homem e da mulher está diretamente relacionado com a sua sacramentalidade, se esta tem sua densidade definida pela profundidade do amor humanizador que os une.

Isto vale para os cristãos e os não-cristãos. Estes, se vivenciam a sua união fundada num amor humanizador semelhante ao amor de Deus, não saberão, por estar ausente a fé, que nela há uma dimensão de sacramentalidade, não expressa e proclamada. Essa dimensão é percebida pelos que os conhecem e os veem com os olhos da fé. Em qualquer tempo poderão descobri-la e anunciar com alegria a sacramentalidade só então percebida. E reconhecer que ela é muito anterior à descoberta tardia.

Extraído do livro "Descomplicando a fé"





Vício em Internet

Ronaldo Lemos*

Poucos artigos sérios usam a palavra “vício” para falar de tecnologia. É comum ver eufemismos como “compulsão” ou “uso exagerado”. Vício é palavra ainda rara. Ou ao menos era. Na edição de janeiro de 2015, a revista “Wired” (influente publicação sobre tecnologia) não hesitou em usar a palavra “viciante” (“addictive”), da seguinte forma: “Facebook, Twitter, Instagram, ‘Word of Warcraft’, ‘Angry Birds’”. Os produtos tecnológicos de maior sucesso têm uma coisa em comum: eles são viciantes”.

O texto comenta a obra do consultor Nir Eyal, especializado em aconselhar empresas e designers a

tornarem seus produtos mais viciantes. Eyal é autor do livro “Hooked: how to build habit-forming products” (fisgado: como construir produtos que formam hábitos) e roda o mundo auxiliando a “fisgar” usuários e não soltá-los mais.

Ele gosta de descrever sua área como “engenharia de comportamento”, profissão que não faria feio nos livros de ficção científica de William Gibson ou Philip K. Dick.

Em seu livro, Eyal cria um sistema a partir de autores polêmicos como B. Frederic Skinner, inventor da “caixa de Skinner”. Nela é colocado um pombo que, para se alimentar, precisa puxar



uma alavanca. Skinner demonstrou que, se a comida aparece todas as vezes em que o pombo aciona a alavanca, o bicho se torna preguiçoso e apenas a puxa quando sente fome.

Já se a comida aparecer aleatoriamente, o pombo passa a acionar a alavanca incessantemente, desenvolvendo uma compulsão por ela. Skinner demonstrou que recompensas esporádicas ligadas a uma ação podem gerar compulsão por repetir a ação (algo visível em cassinos ou muitos sites na rede).

Aproveitando-se desses modelos, Eyal foi ainda além. Ele explica a dinâmica da criação do vício com quatro elementos: gatilho, ação, recompensa esporádica e investimento. O gatilho são nossos confortos e desconfortos inevitáveis ao longo do dia. Por exemplo, momentos em que sentimos tédio, solidão ou ansiedade. Ao passar por um deles, buscamos algo que possa nos distrair.

Dáí vem a ação. Por exemplo, tirar o celular do bolso e abrir um

aplicativo como o Instagram. Ao fazer isso, a recompensa é incerta. Podemos achar uma foto interessante ou não. Uma vez que esse comportamento é associado ao gatilho, o vício se forma. Quando a pessoa se sentir desconfortável novamente, terá vontade de abrir o Instagram.

A última fase do processo é o investimento. Ele acontece quando a pessoa passa a trabalhar para o ciclo. Por exemplo, passa a postar fotos suas no Instagram, pois sabe que pode gerar comentários e likes. Nesse momento a pessoa passa a ter incentivos adicionais para voltar frequentemente ao aplicativo para conferir, e o ciclo recomeça.

Muitas pessoas ficarão incomodadas com o trabalho de Eyal. Outras vão sair correndo para comprar seu livro. O fato é que sua obra nos provoca a pensar de que lado da caixa de Skinner estamos nesse exato momento.

Ronaldo Lemos é advogado e diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro.

Transcrito da Folha de São Paulo

***Você precisa fazer aquilo que pensa
que não é capaz de fazer.***

Eleanor Roosevelt



Programa Nacional de Formação à Distância



CONDIN
Conselho Diretor Nacional
SENFOR
Secretariado Nacional de Formação

Continuando o programa, estamos encaminhando o texto abaixo abordando o item 1.3 da programação.

Nossa preocupação é que os textos que estão sendo propostos para estudo e reflexão, tanto nas equipes-base quanto em eventos locais de formação, sejam compreendidos por todos.

SE VOCÊ, SUA EQUIPE-BASE OU COORDENAÇÃO ESTÁ ENCONTRANDO ALGUMA DIFICULDADE EM TRABALHAR OS REFERIDOS TEXTOS, POR FAVOR, ENTRE EM CONTATO CONOSCO ATRAVÉS DO E-MAIL ABAIXO PARA QUE POSSAMOS, DE ALGUMA FORMA, AUXILIÁ-LOS NA SUA INTERPRETAÇÃO.



Desejamos a todos o melhor proveito possível, e não se esqueçam: ficamos no aguardo de um retorno pelo endereço eletrônico abaixo. Não guarde somente para si suas conclusões. Vamos exercer a PARTILHA.

mfc.livraria@gmail.com

3º MODULO TESTEMUNHO DA FÉ CRISTÃ

Coordenador:

Oremos:

Senhor Jesus, teus olhos revelam que nada posso esconder de ti. Tu conheces muito bem quem eu sou, sabes das minhas imperfeições e dos meus temores. Tu sabes que não sou meu, mas teu. Dá-me

a graça de ser a expressão do teu amor aos pecadores. Faça-me instrumento em tuas mãos para que os pecadores voltem a ti, Senhor.

INTRODUÇÃO

Definindo a palavra Testemunho

Coordenador:

A palavra “testemunho”, pode ser definida, de acordo



com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, como “depoimento, prova cabal, plena, sinal e indício”. Assim sendo, entendemos que o testemunho cristão diz respeito às provas visíveis, cabais e plenas, servindo como sinal perante a sociedade na qual estamos inseridos, de que, de fato, cremos no Senhor Jesus Cristo. A esse respeito, devemos lembrar do que disse o apóstolo Tiago: **“Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.** Alguém poderia dizer ainda: *Tu tens a fé, e eu tenho as obras. Pois bem! Mostre-me a tua fé sem as obras, e eu, com as minhas obras, te mostrarei a minha fé*”. (Tg. 2.17,18). Não podemos desprezar o testemunho através daquilo que dizemos. As palavras, no entanto, precisam ser confirmadas pelo modo como agimos. Jesus ressaltou, aos seus discípulos, que seríamos conhecidos pelos frutos (Mt. 7.16-20). O apóstolo Paulo, que equivocadamente é posto em contradição com Tiago, diz em Ef. 2.10, que Deus nos salvou pela graça, por meio da fé, para que andássemos nas boas obras. Somos salvos, portanto, para que sejamos, numa sociedade corrompida pelo pecado, sal da terra e luz do mundo (Mt. 5.13,14). (Pe José Roberto)

1ª. PARTE

LEITURA BÍBLICA - PALAVRA DE DEUS (Tiago 2, 14-24)

Leitor 1:

A fé sem obras

De que aproveitará, irmãos, a alguém dizer que tem fé, se não tiver obras? Acaso esta fé poderá salva-lo? Se a um irmão ou uma irmã faltarem roupas e o alimento cotidiano, e alguém de vós disser: “Ide em paz, aqueceis-vos e fartais-vos”, mas não lhes der o necessário para o corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se não tiver obras, é morta em si mesma.

Mas alguém dirá: “Tu tens fé, e eu tenho obras.” Mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras. Crês que há um só Deus. Fazes bem. Também os demônios crêem e tremem.

Queres ver, ó homem vão, como a fé sem obras é estéril? .Vês como a fé cooperava com as suas obras, e era completada por elas. Assim se cumpriu a Escritura que diz:

Vedes como o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé?

MEDITAÇÃO SOBRE A LEITURA BÍBLICA (O grupo faz uma reflexão)



1- Conversar sobre a Leitura Bíblica e descobrir qual a mensagem que você pode tirar para sua vida.

2- Procurar descobrir, como grupo ou como pessoa, os momentos que viveu(ram) esta mensagem em sua vida.

2ª. PARTE

Leitor 2:
SER TESTEMUNHA DE CRISTO

A vida cristã deve ser o modelo e o referencial para a sociedade. Por isso, o Testemunho Cristão não deve ser visto como uma opção, e sim, como um imperativo...

Como disse o apóstolo Paulo: *“Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus.”*

Para ilustrar a importância do Testemunho Cristão, o Senhor Jesus utilizou-se de dois elementos comuns aos ouvintes: o sal e a luz. A ilustração do sal fala do nosso caráter; a luz fala do nosso testemunho. Observe que Cristo falou primeiro do sal da terra e depois da luz do mundo. Assim o caráter precede o testemunho. Vejamos algumas lições práticas que podemos extrair desses dois elementos:

Leitor 1:
O Cristão como Sal da Terra

O sal é preservador: Ele conserva e preserva; daí ser figura da pureza. Sua cor alva também fala disso. Ele evita a deterioração.

O sal é invisível quando em ação: o sal antes de ser aplicado é visível, mas ao começar a agir, temperando, preservando, etc., torna-se invisível. O sal age invisivelmente, mas sua ação é claramente sentida.

Leitor 2:
O Cristão como Luz do Mundo

Diferente do sal, que não é visto em ação, a luz só tem valor quando é percebida. A ausência da luz permite que a escuridão prevaleça. Mas, quando a luz chega, as trevas desaparecem.

A luz não se mistura: mesmo que ela ilumine lixo, sujeira, lamaçal, etc, ela não se contamina. Assim deve ser o cristão: viver neste mundo tenebroso a difundir a luz de Cristo, sem se contaminar com o pecado e as obras infrutuosas das trevas. A importância vital desses dois símbolos pode ser observada pelos efeitos que exercem. Se o sal for insípido, perderá totalmente o seu valor (Mt 5.13). Se a luz estiver apagada ou escondida, nenhum benefício trará ao ambiente (Mt 5.14).





Como cristãos, devemos nos conscientizar que somos “sal da terra” e “luz do mundo” (Mt 5.13,14); bem como devemos nos comportar de modo íntegro, diante de Deus e dos homens, para que, através do nosso testemunho, Deus seja glorificado (Mt 5.16).

Coordenador:

O Deus da Bíblia e da fé cristã é um Deus que se dá a conhecer. Deus tem se utilizado de inúmeras maneiras para tornar-se conhecido no mundo. A criação, as Escrituras, a encarnação de Cristo e o testemunho do corpo de Cristo são os principais meios da sua revelação. Apesar de encontrarmos a assinatura de Deus na natureza, descobrimos o seu caráter na Bíblia, experimentarmos o seu amor por meio de Cristo e vemos o seu poder ativo na Igreja, o mundo ainda não conhece a Deus. Para as pessoas secularizadas, Deus é apenas um assunto de religião. Deus não faz parte da realidade concreta delas, ou seja, Ele não é relevante para elas. Em suas decisões quanto ao futuro, família, questões referentes ao trabalho, educação e ética, Deus não está incluído. Apesar da cosmovisão secular empurrar Deus para longe do nosso dia-a-dia, Deus está bem presente e ativo no mundo com o propósito de se revelar como um Deus pessoal e gracioso. (Pr. Julio César Lucarevski)

1- O grupo conversa sobre como o mundo poderá conhecer a Deus.

3ª. PARTE

Coordenador:

Irradiar a fé é criar condições para que as pessoas façam uma experiência.

Experiência é mais que vivência: é interpretar as vivências, é dar-lhes um sentido último.

Leitor 1:

Fato concreto

Conta-se que um garoto, na presença do seu pastor, pediu para que a sua família se mudasse para morar no templo. O pastor não entendeu aquele pedido, o menino, imediatamente, justificou sua solicitação. Seu pai aparentava ser uma bênção quando estava diante da igreja, solícito e prestativo. Mas em casa, dava um péssimo testemunho, destratava sua mãe, seus irmãos e a ele mesmo. Tenhamos cuidado para não desenvolvermos uma vida dúbia, agindo de um jeito na igreja e de outro fora dela.

REFLEXÃO DE VIDA

Será que temos agido em conformidade com a fé que professamos?





Nossas palavras e atos, na igreja, em casa e no trabalho condizem com os procedimentos de um cristão?

O Grupo conversa sobre o Fato Concreto refletindo as questões colocadas abaixo:

1 - Como você vê o seu testemunho cristão? Positivo? Dinâmico? Crescente? Estacionado? Tem pontos falhos? Tem desafios? Está satisfeito?

2 - Como os outros vêem o seu testemunho de cristão? Real? Aparente? Radical? Liberal? Tolerante? Omissivo? Duvidoso? Marcha lenta?

Pistas para reflexão do Grupo (diálogo ou trabalho de grupo)

- É ainda possível e necessário aos pais assumirem a responsabilidade da educação da fé dos filhos? O que o MFC tem feito para que isto aconteça?

- A maioria dos pais sente essa responsabilidade?

- Que dificuldades experimentam? O que os leva a alhearem-se dessa tarefa?

- E possível viver e testemunhar a fé em família e como família?

Oração Final:

Para te acolher,
para preparar nossa terra,
Basta abrir as mãos
para crer em ti,
para dar e repartir.
nosso grande Senhor,
Basta ser atencioso e fiel à tua Palavra.
não há nada de extraordinário a fazer!
Basta amar sem medir a ternura.
Basta ter um coração límpido e sem disfarce
Basta ouvir teu apelo
basta ter um olhar e mudar de vida, Senhor!
doce e sem malícia.
Basta colocar nos lábios
Podes vir, Senhor,
o sorriso e alegria
A terra e seus habitantes
por ti, mudam as cores da vida.

